

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

Alors Danse: Uma viagem em busca de um ensino sensível.

Camila Vergara

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como
monografia de conclusão do curso de
Teatro com ênfase em licenciatura.

Orientação: Prof. Dr. Mesac Silveira

Porto Alegre, novembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma na minha jornada até hoje.

Para começar, sinto a necessidade de agradecer aos meus pais: César e Vivian. Obrigada pai, pelas inúmeras histórias, contadas à noite para me fazer dormir, ao longo da minha infância. Elas fazem parte do meu imaginário até hoje. Obrigada por me apresentar a mitologia e a tragédia grega. Obrigada pai, por ter me ensinado quem era Dionísio da forma mais poética que um pai pode ensinar sua filha: sob os parreirais. Obrigada mãe, por ter sido a melhor mãe que uma bailarina pode ter, por ter me ajudado a costurar inúmeras sapatilhas, ter feito meus coques e estado comigo em momentos marcantes da minha vida. Pela tua dedicação. Obrigada por me apresentar a cerâmica e o mosaico, que também fazem parte do meu imaginário até hoje, quando estou com as mãos na argila. Obrigada pai e mãe, pelo amor incondicional e apoio de vocês. Obrigada pelos fantoches!

Obrigada meu irmão querido, meu melhor amigo. Pela tua sinceridade, espontaneidade, amizade e parceria. Tu és o maior dos maiores companheiros.

Obrigada aos meus avós. Aos alemães Opa e Oma, viajantes. À minha avó Suzana pelo seu amor à escrita e à quem devo o meu nome Vergara. Estendo o agradecimento ao Thelmo Vergara (meu bisavô), escritor. E por fim, ao meu avô Claudio, artista, grande responsável pela sensibilidade e arte que hoje existe em mim. Obrigada pelas histórias contadas e pelo teu amor à escultura.

Obrigada a minha tia Bea, pedagoga, quem muito me inspira a pensar a educação. E ao meu padrinho/tio Clóvis, pelo amor à arte. Enfim, obrigada à toda minha família gigante. Aos primos e primas "Jamelões" e a todos tios.

Agradeço então à amizade. A todas e todos que cruzaram o meu caminho trazendo alegria, risadas e boas conversas. Obrigada.

Aos professores e artistas. Obrigada Suzana, a quem devo meu amor ao *ballet*. Obrigada à todos aqueles que contribuíram na minha formação trazendo questões, e algumas respostas, para o meu fazer teatral. E aos artistas com quem pude compartilhar a cena ou mesmo uma aula. Aos parceiros do teatro. Evoé!

Obrigada Silvia, por instigar a busca pelo embrião desse trabalho: a parte viva.

E obrigada Mesac, meu (des)orientador, à quem devo a minha escrita. Obrigada por acreditar na minha escrita e na minha viagem. Obrigada por ser um viajante!

Ao Serge Nicolai, a quem eu devo e dedico essa grande viagem.

E por fim, ao Caio. Obrigada por aparecer na minha vida e causar toda essa ebulição.

RESUMO

Sobre a vida. Sobre o teatro e a dança. Sobre a trajetória de uma artista que viaja em busca de algo, sem saber exatamente o que a espera. Viaja em busca de um desconhecido e vê esse mesmo desconhecido em seu processo de criação e ensino. Que relações são possíveis estabelecer entre o viajar e o ensinar? É um pouco sobre isso que se trata a escrita. A partir de um diário de bordo, buscando na raiz, no embrião de onde essa aventura possa ter começado. Tem um ponto de partida, no ano de 2012, ao ouvir de um professor “*Alors, danse!*”. E a viagem segue, sem ponto de chegada.

PALAVRAS CHAVES

Teatro – Dança – Viagem – Desconhecido – Sensível – Liberdade

SUMÁRIO

1. Carta de apresentação.....	5
2. PRÉ-ÂMBULO.....	6
2.1. Memorial: <i>Alors, danse!</i>	7
2.2. Anotações da oficina: "Corpo e Estado, o Desequilíbrio do ator", ministrada por Serge Nicolai.....	11
2.3. A aventura do diário de bordo.....	13
3. ÂMBULO.....	34
3.1. A viagem.....	35
4. PÓS-ÂMBULO.....	53
4.1. Tentativa de um diário que segue.....	54
5. Referências bibliográficas.....	65

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro leitor,

Sinto uma espécie de necessidade em começar dizendo algumas coisas sobre isso que você tem em mãos. Primeiramente, [.....]. Segundamente, gostaria de falar sobre a escolha. A escolha do tema dessa pesquisa. Este trabalho começou a ser desenvolvido a partir do momento em que eu optei pelo meu objeto de estudo: eu mesma. Na verdade, a decisão demorou um pouco para acontecer. Na verdade, ela ainda está acontecendo. Digo isso, pois tive muita resistência em acreditar que a minha experiência pessoal poderia ser assunto para um trabalho de conclusão. A partir de um conselho do meu orientador, comecei a escrever um diário de bordo, no dia primeiro de maio de 2016. O que eu não imaginava é que o diário de bordo poderia se tornar o próprio trabalho. A imagem que eu tinha, e ainda tenho, de um trabalho de conclusão de faculdade, era de um trabalho de pesquisa, com início, meio, fim, citações e conclusões. Não que este não tenha. Talvez a única coisa que eu fique devendo mesmo é a conclusão. Já o início, o meio e o fim, por mais que estejam divididos em capítulos, estão em constante diálogo. O passado dividido em três fases. O passado dialogando com o presente, que daqui a exato um segundo já será outro passado. Enfim, eu pensava em escrever sobre várias coisas. As grandes encenadoras Ariane Mnouchkine e Pina Bausch estavam no meu plano, por exemplo. Pensava em pesquisar tudo sobre elas. O que eu me deparei foi com uma quantidade enorme de material já escrito, tanto sobre elas quanto sobre outros grandes encenadores e artistas no geral. Em alguns momentos isso me apavorou. E ainda me apavora. Em alguns momentos eu tive que escolher. Tive que escolher entre passar horas pesquisando o que os artistas do mundo fazem ou pesquisar a minha própria prática como artista. E a minha prática se deu, ao longo deste ano, com uma grande viagem. Convido agora você, leitor, a fazer parte dessa minha viagem. Gostaria de pegar você pela mão, pedir para fechar os olhos e convidá-lo a imaginar os diferentes cenários e situações que eu vivenciei ao longo deste ano. E espero que essa leitura sirva para você refletir, ou melhor ainda, para *sentir*, alguma coisa.

Boa viagem!

PRÉ-ÂMBULO

MEMORIAL

Algum dia do ano de 2012, por volta do mês de abril, em Porto Alegre.

Foi em 2011 que eu passei a conhecer e a me apaixonar pelo teatro. Foi em 2011 que eu fiz um curso de formação de atores em Porto Alegre. Foi neste mesmo ano, que entre muitos aprendizados e vivências maravilhosas eu passei por um processo um tanto traumático. Tive uma experiência com uma professora de teatro que me ensinou diversas coisas, mas também me fez sofrer, chorar e enrijecer. Passei um ano ouvindo certas coisas dessa professora que me reprimiam. A linha de ensino dela era conhecida por ser uma linha negativa, seja lá o que isso queira dizer. No meu caso era um ensino feito a partir de frases como: "Não seja assim! Não faça isso! Não. Não. Não." Sem me mostrar o caminho do "Sim".

Minha vivência artística começou quando eu tinha três anos, nas aulas de *ballet*. Com quatro anos eu me apresentei pela primeira vez no palco do Teatro da Ospa, em Porto Alegre. Eu era um "ursinho de corda". E assim, ano após ano, eu contava os dias para subir no palco novamente e dançar. A dança instantaneamente virou uma paixão profunda, que se transformou num grande amor. E essa relação de amor foi construída, ao longo de toda minha vida através de muita dedicação, disciplina e paixão. Na dança passei por diversos momentos, fases, etapas. E de tudo que eu vivenciei uma coisa ficou muito clara para mim: a necessidade que eu tinha de estar em contato com a adrenalina de entrar em um palco e esquecer tudo que estava fora dali. Me entregar para a magia do palco, das luzes, do público e da arte do "aqui e agora" tornou-se meu sentido de viver.

Isso fez com que eu me tornasse uma bailarina. Sim, uma b a i l a r i n a. Uma pessoa com um corpo que se desenvolveu, ao longo da vida, dançando. Uma pessoa que dançou dos três aos vinte e três anos, ininterruptamente. É evidente, ao meu ver, que o fato de eu ter crescido dançando é algo que eu não tenho como "esconder". Está em mim, faz parte de mim. E é através da dança que eu passei por alguns dos momentos mais marcantes e sensíveis da minha vida. A dança faz parte do meu dia a dia, da minha forma de ver e ser o mundo. Independentemente dos passos, das aulas, da técnica e do estilo de dança. A dança corre no meu sangue. É o movimento, a conexão entre todas as partes do corpo, mente e coração que fazem eu dançar. Seja no palco, em uma festa ou até mesmo no quarto.

Voltando para 2011. Essa mesma bailarina passou por essa professora. Uma professora que dizia: "Não seja bailarina!", "Para de ser assim: bailarinhinha!". E foi então que se criou um conflito interno enorme dentro de mim. Pois imagina: uma menina/mulher de dezoito anos, começando a entrar no mundo do teatro, se apaixonando pelo teatro, assim como se apaixonou pela dança quando tinha três anos. Essa mesma menina chegando em casa depois de algumas aulas de teatro e chorando na cama, machucada pelas coisas que ouvia em aula.

É importante falar, que o ano de 2011 não se resumiu apenas a isso. Tiveram também momentos incríveis de extrema felicidade e de muito aprendizado. Tiveram também outros professores. E um em especial, que era da via do "Sim". Este professor estimulava a criação nos dando a liberdade para ser quem quiséssemos ser. Infelizmente esse professor teve que se ausentar no meio do ano. E o resto do ano foi com a professora do "Não". E assim passou 2011. Apesar desse episódio, foi um ano incrível, no qual eu pude experimentar e aprender sobre a arte do ator, e sobretudo sobre o poder do grupo, do coletivo. Tenho muita saudade daquela turma.

Mas, foi em 2012 que eu vivenciei um dos momentos mais intensos e marcantes da minha vida no teatro. Foi por volta do mês de abril que eu conheci o Serge Nicolai. Eu estava participando do processo de criação "Conexão: Braskem em Cena" e uma das atividades do processo seria uma oficina com o Serge, vindo diretamente do *Théâtre du Soleil*. No primeiro dia da oficina estávamos todos nervosos, ansiosos e cheios de expectativa. Aquele ator francês entrou na sala, nos deu boa noite, falou algumas palavras e logo começamos o trabalho. A oficina baseava-se praticamente no método de improvisações, conforme os processos de Ariane Mnouchkine no *Théâtre du Soleil*. Tinha uma cortina. Quando ele desse o comando: "Abram as cortinas", dois atores responsáveis por isso a abriam e os atores, que entrariam para a cena, saíam de trás da cortina e adentravam ao espaço cênico.

As improvisações começaram a acontecer a partir do exercício de "Coro e Corifeu". No qual, um dos atores seria o corifeu, responsável por se posicionar um pouco mais a frente e criar as ações e os outros, no papel do coro, deveriam imitar aquilo que estava sendo proposto pelo corifeu. Parece simples, e é simples. Mas para atingir aquilo que o professor pedia foi um tanto demorado e difícil. Pois, ele exigia uma verdade cênica e um "viver o presente" que pareciam estar fora do alcance de todos nós. Uma atividade, então, que era para ser simples começou a se tornar cada vez mais complexa. E assim passaram o primeiro e o segundo dia da oficina.

No terceiro dia, Serge pediu que a partir daquele momento as improvisações fossem individuais. Abandonamos um pouco a ideia do coro e partimos apenas para a figura do corifeu. Todos saíam de trás da cortina sozinhos e improvisariam. Aliás, sozinhos não. Teríamos sempre a companhia da música. E isso é muito importante frisar, como ele mesmo fez no primeiro dia: "Vocês nunca estão sozinhos. Tudo vem do outro. Quando não tem o outro, tem a música." Enquanto os atores faziam o exercício ele analisava e parava a cena sempre que achava necessário. Bom, não preciso nem dizer que a essa hora eu já estava com o coração na mão. Extremamente nervosa, com a vontade de "acertar", e um medo que quase me paralisava de entrar em cena. Todos colegas foram fazendo e eu deixando para depois. Tentava criar coragem e enquanto isso ia ficando entre os últimos a passar pelo desafio. Detalhe: a improvisação tinha um tema. E no caso, era amor.

Chegou então a hora de eu me arriscar. Fui para trás da cortina. E, quando ela abriu, entrei em cena. Na minha cabeça tinha imaginado fazer algo como entrar num

baile e ver o amor da minha vida com outra mulher. Bem trágico, inspirado pelas músicas clássicas que ele usava. Então entrei, tentei visualizar o meu amor, tentei exteriorizar isso. E foi quando o Serge me parou. Logo nos primeiros segundos. E disse: "Nós não estamos entendendo o que você está fazendo, está confuso." Eu fiz que sim com a cabeça e voltei para trás da cortina. Segunda tentativa: estava ainda mais nervosa. Entrei, me joguei no chão, para ver se surgia algum "estado" em mim. Ele parou e disse: "O que você está tentando nos contar?". Eu disse: "Entre num baile e o homem da minha vida está dançando com outra mulher... E... Estou desesperada...". Foi então que ele disse: "Bom... Eu vi você se aquecendo no início da aula... Você dança, não?". E eu, já pensando "ah, droga... sim, danço, sou bailarina, droga", disse: "Sim".

"Alors, danse!"

Foi quando uma frase transformou minha vida. Ele coçou a barba, pensou um pouco, me olhou e falou: "Então, dance! Você vai entrar, e vai dançar para esse homem. Vai através da dança nos contar isso que você nos falou." Ele colocou uma música clássica maravilhosa, eu entrei e dancei. Foi quando a arte apareceu em mim na sua maior potencialidade, pela primeira vez. Em meio a passos de dança improvisados, as lágrimas corriam no meu rosto, meu coração acelerava e eu esquecia tudo que estava fora dali. Era como uma mágica. E isso tudo, que durou uns cinco minutos teve uma intensidade tão forte que pareceu uma vida. Me libertei, pude ser quem eu era. Pude ser a bailarina que por um ano foi reprimida. Pude através do meu corpo expressar emoções profundas. Pude sensibilizar a todos aqueles que assistiam. E então a arte aconteceu. A arte apareceu em mim, naquele espaço, com e para aquelas pessoas. Dancei como um pássaro livre que voa...

"Se você quer entender, sinta."

Pina Bausch

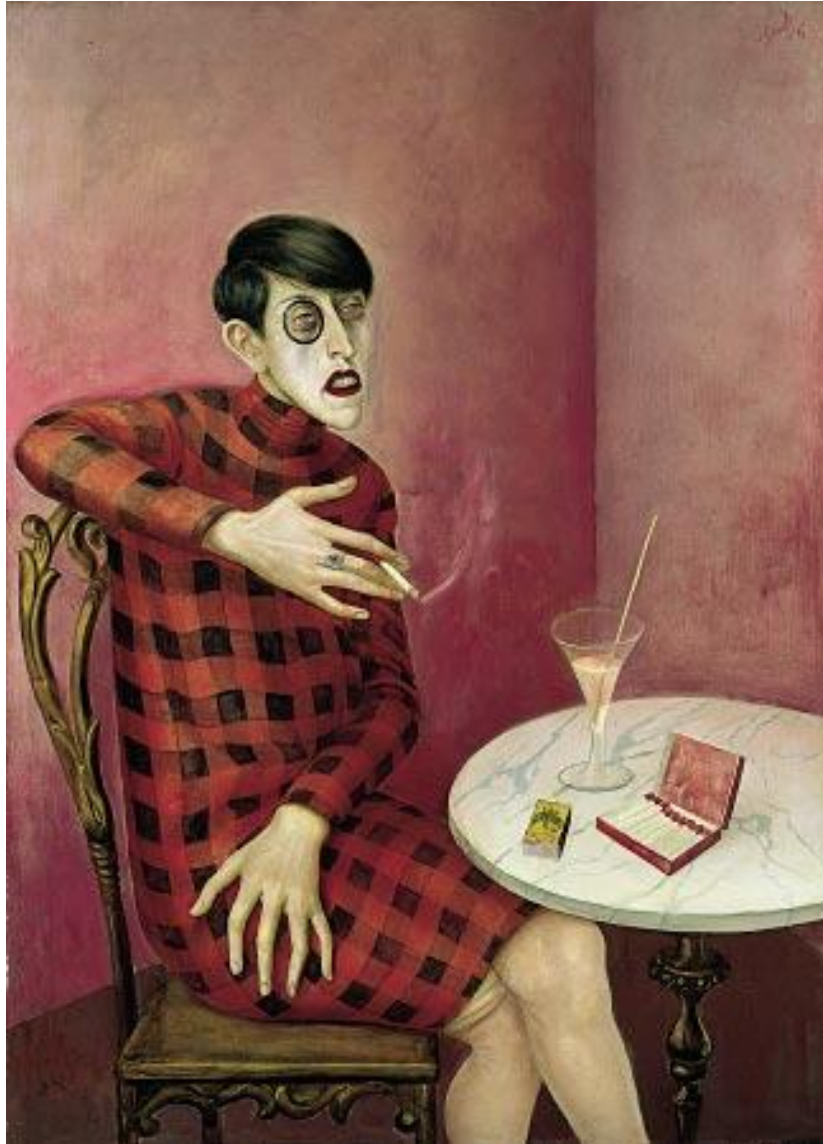
"Comunica-se perfeitamente através do coração.
É mais importante comunicar sem fazer nada do que comunicar com um grito.
Para que, afinal, se dança?
Dançamos para que os corações se unam. Ah, é difícil, não é?
Em todo o caso, é para isso que dançamos."

Kazuo Ohno

Anotações Workshop: "Corpo, Estado e o Desequilíbrio do ator."

Ministrado por Serge Nicolai, em São Paulo, 2015.

A AVENTURA DO DIÁRIO DE BORDO



"O processo de formação está pensado, melhor dizendo, como uma aventura. E uma aventura é, justamente, uma viagem no não planejado e não traçado antecipadamente, uma viagem aberta em que pode acontecer qualquer coisa, e na qual não se sabe onde se vai chegar, nem mesmo se vai se chegar a algum lugar."

Jorge Larrosa

[Sobre encontrar a carne, a parte viva.] - 1º de maio, 2016.

Encontrar o embrião, primeiro sinal de vida, riqueza íntima. Chorei. Vontade de sair, de ir para o mundo e embarcar no navio rumo ao desconhecido.

Um agradecimento a esse ano, que tem sido bacana comigo, me revelado a intensidade da vida, me afastado da superficialidade.

Ah, como tem camadas que nos distanciam daquilo que É. A busca pelo que É, pelo SER, e não pelo que parece ser. O desnudar-se! Quero o mais interno, o mais sangue, coração pulsante... O vivo.

A busca no teatro e a busca na vida: *hic et nunc*.

Encontro com Yoshi Oida, viajante obcecado, buscador incansável: "Simples quer dizer fundamental e universal".¹

[Ao transcrever a escrita do diário de bordo para o computador, percebo que eu não tenho vontade de transcrever o texto na íntegra, exatamente como está no diário. Começo então, transcrevendo apenas os trechos que eu considero importantes, ou com algum significado para mim. Com o tempo, não sei se fui ganhando confiança na minha própria escrita, mas os pedaços maiores de texto começaram a aparecer, conforme será possível perceber. Tento fazer uma transcrição fiel ao diário, mas entendo que ao transcrever existe algo que se perde, algo se modifica e algo que se ganha. Tento estar aberta a perceber para onde esse exercício da transcrição me leva.]

[Eu me sinto livre quando...] - 2 de maio, 2016.

Acabo de escutar as músicas que os meus alunos disseram ser suas preferidas. Acabo de ler os questionários que eles me entregaram hoje na aula. Eles têm aproximadamente treze anos. Uma das perguntas do questionário era: Eu me sinto livre quando...

"Estou sozinho." - "Fico pelado em casa." - "Estou viajando e quando posso/tenho o direito de falar o que eu quero e penso." - "Estou com meus amigos." - "Danço." - "Ando de skate." - "Posso me expressar sem que me proibam disso."

Foram algumas das respostas desses jovens. Me identifico tanto com elas. Eu também me sinto livre quando danço, viajo, me expresso e fico pelada. Não sei o que fazer com esse questionário. Não sei ainda como usá-lo para a prática teatral. Sei que foi bom demais ler essas respostas. Saber um pouquinho mais sobre eles. Quero conhecer esses alunos. Quero me relacionar com eles como seres humanos, antes mesmo de encará-los como alunos. Quero que eles sintam-se livres fazendo teatro. Quero que eles se expressem e que possam ser aquilo que eles querem.

¹ OIDA, Yoshi. **Um ator errante**. São Paulo: Via Lettera, 2012, p. 22.

Teatro como um lugar de libertação.

A vontade que eu tenho agora é de montar uma performance/intervenção com esses alunos, na qual eles possam fazer tudo isso. Queria o M. andando de skate e cantando *rap*, a M. dançando, o L. pelado no quarto. Queria juntar tudo isso, queria ter o gosto de sentir eles livres, se expressando, sentindo e se afirmando como indivíduos. Queria que eles experimentassem esse poder que o teatro tem de libertação e expressão. Como fazer?

No café com o Mesac, ele me perguntou: "Aonde você acha que está a dificuldade nas aulas?" Eu respondi na hora, sem pensar: "Em envolvê-los!".

"Disciplina é envolvimento"², diz a Viola Spolin. [*Talvez essa tenha sido uma das primeiras frases que tenha feito sentido para mim ao começar a estudar a pedagogia do teatro*].

Acho muito chato ter que pedir silêncio, ter que pedir que parem de conversar, que se concentrem. Quisera eu não ter que pedir isso. Mas eles são tão dispersos, tão conversadores. O maior desafio sem dúvida é envolvê-los. E o como fazer passa a ser então minha busca como professora-artista. Seguirei tentando, experimentando.

E, às vezes, conseguindo! Sim, por que nessas três aulas que eu já dei no Colégio Aplicação, tiveram uns momentos de envolvimento, de expressão pura e livre, de teatro vivo acontecendo, latejando. Na primeira aula, aconteceram algumas imagens que ficaram guardadas na minha memória. O silêncio estabelecido em um jogo de palmas, a partir de uma proposta minha, brincada, de "faz de conta que vamos gravar essa atividade, o único som que pode aparecer é o som das palmas". E como se fosse um milagre, o silêncio se fez. [*Lembro do som desse silêncio até hoje.*] Logo depois, ao experimentar o exercício de "coro e corifeu", apareceram imagens belíssimas: O L. sendo um marujo em alto mar, o N. sendo um cachorro que uivava para a lua... Ah, e o L. sendo um piloto de avião, pilotando e ao mesmo tempo dando o recado para a tripulação de que o avião estava caindo. Ali o teatro aconteceu. Vi naquele menino algo que eu entendo como um corpo expandido, um corpo potente, vivo, verdadeiro e cênico. Foi um detalhe, durou um segundo. Mas um segundo de tanta beleza e verdade. De graça. Que está nos detalhes, como diz Ariane Mnouchkine.

Recordo então do sábio Gaulier, [*me refiro ao professor e artista Phillippe Gaulier, com quem eu fiz um curso de clown, em Paris, durante um mês, em 2014.*], que muito me ensinou sobre essa arte tão rica em detalhes. Do Serge, que tanto me ensinou e permitiu esse espaço livre, proporcionou que essa expressão livre acontecesse, através de um olhar tão sensível. Ah, os grandes mestres! Sou tão grata a tudo que aprendi com eles. E pegar isso tudo que eu aprendi, que está em mim, no meu corpo, isso tudo que eu experienciei. Pegar isso e passar adiante. Transformar, reconfigurar. Ver nos corpos

² SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 257.

jovens dos alunos algo de semelhante com o meu corpo. Enxergar eu neles. Um pouco de mim neles e deles em mim.

Transformação e reconfiguração do aprendizado em ensino. Vivenciar na prática como artista, assimilar e ensinar como professora.

É isso que vem me instigando. Como transformar os meus aprendizados em ensino? Sinto, às vezes, a presença destes que me ensinaram do meu lado, dando a aula junto comigo. Me inspirando. E aí recebo os olhares inquietos, as respostas e as questões dos meus alunos. E isso me instiga tanto, me enche de vida. Por que é um completar-se.

Amanhã tenho meu primeiro encontro individual com a S. *[Me refiro aos encontros da cadeira do projeto de TCC.]* Estou um pouco ansiosa, por que abandonei a escrita do projeto de TCC. Desde que comecei a escrever aqui não consigo mais escrever outras coisas. Vou apresentar esse diário a ela. Vamos ver o que ela vai dizer. "Escreva sobre as expectativas", disse o Mesac. Pois bem, estou fazendo. E por falar em expectativa, a maior, a que mais grita em mim é: sair de Porto Alegre ano que vem. Me formar e partir rumo ao desconhecido. Entrar em um avião e começar uma nova fase de vida. O ano de 2016 está sendo, portanto, muito especial. Um ano de encerramentos, de uma fase que se encerra e outra que se inicia. É sobre essa transformação que eu quero escrever. Como isso vai aparecer no teatro que eu faço? Nas aulas que eu dou e darei daqui para frente? Nos meus pensamentos?

- Minhas mãos estão doendo de tanto escrever! O diário nasceu...

- "... a dor do parto." (Mesac Silveira)

[Ao escrever sobre outras pessoas, como alunos, etc., utilizarei as iniciais dos nomes daqui em diante, no lugar dos nomes, de forma a preservar a exposição de cada um.]

[O caos chega pelo correio.] - 3 de maio, 2016.

Resolvi participar de uma corrente de livros no Facebook. Já recebi três livros. Incrível chegar em casa e ter um pacote de presente, com teu nome. Um livro escolhido por algum desconhecido.

Pois, um dos livros que eu recebi se chama: "CAOS - Terrorismo Poético e outros Exemplares", de um autor chamado Hakim Bey que fala sobre os anjos do caos, e/ou crianças selvagens:

"Os únicos que realmente desejam compartilhar o destino travesso dos fugitivos selvagens ou crianças guerrilheiras (em vez de tentar controlá-los), os únicos que podem entender que AMAR e

LIBERTAR são o mesmo ato - são, em sua maioria, artistas, anarquistas, pervertidos, heréticos, um bando à parte (distantes um do outro e do mundo), ou capazes de se encontrar apenas como as crianças selvagens se encontram, trocando olhares secretos à mesa de jantar enquanto os adultos tagarelam por detrás de suas máscaras. (...) Nós e eles, os selvagens, somos o espelho um do outro, unidos e limitados por aquele cordão de prata que define as fronteiras entre a sensualidade, a transgressão e a revelação."³

Hoje encontrei um amigo na rua. Ele fez junto comigo a primeira oficina com o Serge, em 2012. Conteí sobre a viagem que eu vou fazer em julho. Ele falou sobre a importância do Serge para ele, e de como havia "mudado a vida dele". Fiquei pensando nessa frase. "Ele mudou minha vida."

Um professor que muda a vida de alguém, que causa uma mudança profunda.

[Estar aberto, sensível e livre...] - 4 de maio, 2016.

Ideias que voam.

Seguir o fluxo, um escorrer... uma escrita viva.

Impulso.

Inseto no papel na Redenção.

[Estou relutante. Estou em dúvida. Não sei como seguir essa transcrição. Ao transcrever pela primeira vez deixei exatamente como está aqui em cima. Falei com o Mesac e ele disse que não havia problema e me aconselhou que eu escrevesse explicando isso, como fiz no primeiro dia de diário. Porém resolvi ler de novo o diário, na íntegra, e agora considero que está incompleto aqui. Acho que faltam partes importantes. Não sei por que importantes. Mas é como se não fizesse mais tanto sentido essas palavras soltas. Estou com vontade de transcrever na íntegra. Na dúvida, vou colocar as duas opções e depois talvez eu escolha.]

Agora são quatro e meia da tarde, estou sentada em um banco na Redenção. O sol bate nas minhas costas esquentando minha alma solitária, sem companhia para matar esse tempo comigo. Resolvi fazer esse tempo aqui. Acaba de passar um senhor que diz: "Vâmo estudá! Futuro é bom." Enquanto isso cães latem, pássaros cantam e pessoas conversam. Li umas páginas do Yoshi e tinha uma parte que ele contava de um ensaio com o Brook, no qual ele dizia:

³ BEY, Hakim. **Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003, p. 18.

"O corpo deve estar pronto e sensível... A voz tem que ser aberta e livre. As emoções têm que estar abertas e livres. A inteligência tem que ser rápida. Tudo isso tem que ser preparado."⁴

Estar aberto, sensível, livre... Levo isso para mim quase como um mantra. É o que eu busco como professora, em mim e nos outros. Isto é, quero estar aberta e quero ajudar os alunos a se abrirem. Quero estar sensível e quero sensibilizar meus alunos. Quero estar livre e quero libertar meus alunos. Mas não "eu libertar/sensibilizar". É mais um "eu fazer alguma coisa que eu não sei o que é para que ELES SE libertem/sensibilizem/abram." Como fazer?

Um bicho pousou na minha folha. Estou tentando escrever sem tirá-lo. Está difícil. Ele está aqui agora: AH! Inacreditável. Quando eu ia circular ele com a caneta ele voou. Quando eu estava prestes a... ele voou... Como uma ideia que voa, no auge, no clímax. Bobagem isso. Parar a escrita para falar do bicho! Mas na verdade não é parar. É mais um seguir o fluxo, um escorrer. A pedido do Mesac, que disse algo como "uma escrita viva, um diário não para relatar, mas que tenha tanta vida quanto a vida em si." Ao menos foi isso que eu entendi. Tenho que ir finalizando. Pena que eu demorei para circular o bicho. Queria a marca dele aqui. Talvez eu faça agora, com o que ficou na lembrança. Por que eu lembro aonde ele estava posicionado na folha. Circulei de vermelho a área que ele estava. Fiz. Não sei se devia. Sei lá. Assim como não sei se devia tantas coisas. As escolhas as vezes são tomadas por impulsos. Eu sou muito impulsiva, segundo minha psicóloga. Ah, sei lá. Lembro da escrita da Clarice (Lispector), que me acompanhou o ano passado todo. Lembro do drama da barata ao pensar nesse bicho e no impulso de circulá-lo. Enfim, pretendo voltar aos livros dela, que tanto me enchem de vida. Preciso sair e ir para a aula de violino.

[Ensinar a sensibilidade.] - 6 de maio, 2016.

A partir do amor chego a questão: até que ponto o que eu estou sentindo influencia o meu processo artístico ou de ensino? Pensando nesse estado que eu estou, meio triste, decepcionada, melancólica... como não levar isso para a aula? A sensibilidade de perceber isso em mim e no outro seja talvez um dos maiores desafios.

[Sobre professores:]

Gosto daqueles que acolhem. Interessados, curiosos, humildes e sensíveis. Gosto daqueles que se interessam pela vida em si. Coincidência será? O fato de eu considerar alguns dos meus grandes mestres aqueles que eu desenvolvi algum tipo de relação fora da sala de aula. Pode parecer estranho, mas tive algumas conclusões do tipo "nossa que professor, que pessoa" justamente na mesa de bar. Vou citar dois nomes: Serge Nicolai e Roberta Carreri. Um, do *Théâtre du Soleil*, outra do *Odin Teatret*.

⁴ OIDA, Yoshi. **Um ator errante**. São Paulo: Via Lettera, 2012, p. 48.

[Depoimentos sobre Serge e Roberta: professores que me ensinaram a vida.]

Serge Nicolai

Na primeira vez que eu fiz oficina com ele, em Porto Alegre, fomos (a turma e ele) para o boteco Bambus, depois da aula. Entre uma cerveja e outra ele me disse a célebre frase da Pina "Dance, dance, se não estaremos perdidos." Como foi importante ouvir isso dele, como eu precisava disso. Esse momento não se deu na sala de aula, mas fora dela, no relacionar-se. *[Isso aconteceu justamente no dia em que eu havia improvisado a cena depois da frase "Alors, dance!". Ele disse essa frase da Pina, depois que um colega comentou o quanto havia sido importante me ver passar por aquilo na aula, já que esse colega havia acompanhado todo o meu processo "Não seja bailarina", no ano anterior]*. Um ano depois, quando fui a Paris avisei o Serge. Disse que queria assistir a peça que ele estava em cartaz, no *Soleil*. Era Macbeth e ele mesmo fazia o Macbeth. Achei que ele não fosse nem lembrar de mim: uma aluna que fez uma oficina no Brasil, um ano antes. Para minha surpresa ele foi extremamente acolhedor e disse: "Vou deixar os bilhetes reservados para ti." Nunca vou esquecer da sensação de chegar pela primeira vez na *Cartoucherie*. A Ariane (Mnouchkine) na porta. A comida, o leque para se abanar, pois fazia muito calor. Aquela sensação do vento produzido pelo leque de palha, do cheiro de comida na cozinha... Que lugar. Que lindo aquilo tudo. Aquele ritual. Aquele respeito e carinho pelo espectador. Me senti tão acolhida lá. E como se não bastasse, dias depois voltei para a festa de cinquenta anos do *Théâtre du Soleil!* Inacreditável. Uma banda de jazz tocava enquanto um jogo da Copa do Mundo passava na televisão. Muita gente torcia. Tantas nacionalidades em uma mesma festa. Como me encantou aquilo tudo.

Roberta Carreri

No primeiro dia de aula, logo que começou, ela pediu que fizéssemos uma roda e falássemos nossos nomes. Então, ela passou um por um falando os nomes de cada um. Ela decorou os nomes da turma inteira, de aproximadamente vinte alunos, em menos de cinco minutos. Apenas olhando nos olhos de cada um e escutando. Fiquei impressionada pensando "nossa, o que é o interesse dela conosco... ela vem lá da Dinamarca e com a maior humildade do mundo decora nossos nomes". Depois disso tiveram vários momentos interessantes, mas talvez o maior ensinamento que ela tenha me deixado foi esse. Esse respeito, interesse e carinho pelo outro. Pela vida do outro. Mais tarde, estávamos no boteco Belmonte cantando músicas e tomando caipirinhas. Ela estava junto, querendo aprender todas as letras de samba... Querendo aprender com a gente. Ah, querer aprender com os alunos!

Conto isso tudo porque são coisas que marcam muito minha trajetória. Foram alguns desses momentos extraclasse que fizeram desses professores pessoas especiais na minha vida. Eles deixaram de ser "apenas professores" e se transformaram em mestres. Mestres que ensinam acima de tudo, a vida. Ensinar a viver.

[E a idealização? Penso agora nessa figura do mestre. Existe isso? O que eu quis dizer com "apenas professores" ao escrever isso? E por que eu optei por colocar entre aspas? Sim, sem dúvida alguma esse relato segue fazendo todo sentido para mim. Sem dúvida eu ainda concordo com essa reflexão. Mas me questiono apenas quanto ao exagero que as vezes eu acabo impregnando nas coisas. E é esse exagero que as vezes acaba me levando à idealização.]

[O corpo poético.] - 9 de maio, 2016.

Coloco Sakamoto para ouvir. Tenho ouvido quase todos os dias. Sinto que estou me afastando demais do encontro que eu tive com o Mesac e ainda tem muita coisa sobre aquele dia que precisa ser dita. Mas os dias vão passando e vai acontecendo tanta coisa. O trem vai seguindo a viagem e tenho que acompanhar. Não há tempo para voltar. Quero registrar aqui apenas o final desse encontro: na plateia do Teatro São Pedro, antes de começar o espetáculo "Projeto Brasil", da Cia Brasileira de Teatro. Conversamos sobre as conexões que eu faço entre a dança, o teatro e a música. Ele falou sobre o "corpo poético" e o "pensamento-corpo". Fiquei pensando sobre essas expressões. Estou contente com esse diário. Estou apaixonada por esse diário. Mandei uma mensagem para o Mesac, falando sobre esse meu encantamento. ele respondeu dizendo: "Continue deixando seus vestígios, suas marcas inscritas nesse caminho rumo à sua ilha, mas na verdade sem destino último, a não ser a beleza da vida e do gesto..."

A aventura da viagem. Hoje mesmo falei com o Serge. Pedi para ele o texto que é preciso ler para o estágio. Ele disse que não tinha o texto em PDF, que era uma adaptação dele e que tinha algo a ver com "Romeu e Julieta". Então eu disse que não sabia como faria para ler antes de julho e ele respondeu: "*Ne t'inquiète pas, c'est la aventure!*". Respondi que eu estava muito animada para essa aventura. Porque sim! Como é bom estar nesse momento sem saber o que me espera pela frente. Estar nesse "entre", nessa viagem que já começou dentro de mim.

A construção da máscara. Ser criança: se sujar, bagunçar, brincar, melear, dançar. Para construir essa nova máscara, me inspirei em uma foto minha da infância, que eu encontrei na semana passada. Foi incrível encontrar essa foto. No curso de clown que eu fiz com o Gaulier, tinha um exercício que deveríamos saltar girando e fazer uma careta. Bem simples, como todos exercícios dele. Foi talvez um dos melhores exercícios que eu fiz, ao menos várias pessoas riram. Ele disse: "Você tem fãs!". E não é que a careta era exatamente igual a da foto quando criança? Eu nunca tinha visto essa foto! Fiquei impressionada com essa volta à infância, que é uma das minhas buscas no *clown*. A máscara e a careta no clown. Resolvi fazer essa máscara inspirada nessa careta. Acredito que tem uma Camila a ser explorada ali. Um jeitinho de fazer cara feia, de ser esquisita, estranha, torta, meio bufão. Acredito que seja preciso desconstruir um pouco a "Camila que faz papel da bonita sensual." Nada contra essa. Eu amo essa. Amo a Claudia, minha outra máscara. A Claudia é tão bonita. Apesar de que tem uma

fragilidade e uma carência ali. Nessa máscara nova eu busco a Camila moleca, travessa, sapeca.

Enquanto descansava um pouco a mão, uma música bonita tocou, quero registrá-la aqui: Valsa nº 2 - Dimitri Shostakovich. Ao olhar para a prateleira, mais um livro misterioso me chamou. O livro é "A alma e a dança", do Paul Valery. Gostei da maneira como ele se refere à vida e à bailarina, respectivamente: "movimento misterioso... mulher que dança..."; "suas mãos falam e seus pés parece que escrevem..."⁵.

[Viajar ao desconhecido.] - 11 de maio, 2016.

Ontem comprei a passagem. Tudo certo agora, vou no dia 4 de julho. Faço escala em Lisboa e sigo para Barcelona. Depois não sei ainda o que fazer. Tenho do dia 11 ao dia 16 para decidir onde ir. Estou pensando em Avignon, por causa do Festival que estará acontecendo. Vou dar um tempo antes de decidir, para ver se recebo algum sinal.

Yoshi, um grande viajante, que deixa o Japão para ir a Paris rumo ao desconhecido. Na sua escrita aparecem a angústia e a saudade. Aparece essa adaptação a um mundo novo.

"Nesse momento, apagavam-se todas as tochas e velas, e o espaço da representação ficava banhado pela luz límpida da lua."⁶

Nesse momento ele se refere ao final do espetáculo, com direção do Peter Brook, que se passava no meio do deserto do Irã. Visualizei tanto essa imagem, viajei junto para lá, pude imaginar essa cena, esse deserto, essa lua... Sem nunca ter estado no Irã. Esse viajar sem de fato viajar. Viajar na imaginação... É um poder do teatro: nos levar para lugares tão desconhecidos e distantes. Por isso talvez, a minha "bronca" com a representação realista, do cotidiano. Gosto de um teatro que me apresente o novo, o desconhecido, o misterioso, o estranho, o sublime.

[Desabafo de uma professora em formação]

Orientação sobre o Estágio 1.

Essas orientações me dão um pouco de medo. Não sei se é exatamente medo. Mas a vontade que eu tenho às vezes é ligar o foda-se para isso tudo. Ele fala de "critérios" e ensinar o teatro e diz que para aprender os alunos precisam de critérios de avaliação. Não sei porquê, mas eu não gosto disso. Eu não sei o que eu estou buscando com os meus alunos. Eu estou, talvez, completamente perdida. Quero ir em busca do desconhecido também com eles. Quero que eles me acompanhem nessa viagem rumo ao desconhecido e que juntos a gente encontre algo. Ou não. E também não teria problema, já que o que vale é a busca... Eu pedi aos alunos que eles fizessem um tema de casa para

⁵ VALERY, Paul. **A alma e a dança**. Rio de Janeiro: Imagem Ed., 2005, p. 15-16.

⁶ OIDA, Yoshi. **Um ator errante**. São Paulo: Via Lettera, 2012, p. 73.

a próxima aula. A proposta é bem aberta. Eles devem criar uma cena inspirada em alguma pintura escolhida por eles. Não faço ideia do que vai surgir e não sei o que fazer com isso. Assim como não sei o que fazer com o questionário de cada um. Só sei que tudo isso provoca algo em mim. O questionário já serviu para eu conhecer um pouco melhor eles. Para refletir sobre o "sentir-se livre". Mas quando a A. ou o S. me perguntam "o quê tu pretendes fazer com isso?" eu não sei o que responder. Queria que a resposta "não sei" fosse uma opção. Mas tenho a impressão de que tenho que ter uma resposta e um porquê de tudo. Quando na verdade eu não faço a mínima ideia do que eu estou fazendo. Quando na verdade esse lugar do desconhecido, das incertezas, da busca, se torna tão mais interessante para mim. Esse procurar. Tão mais interessante que o encontrar. E então penso no processo de criação em si. Há tanta busca tanto "não encontrar", tanta pesquisa... E é exatamente essa a parte boa! Nas aulas é a mesma coisa, não deixa de ser um processo de criação. Eu atriz não quero me separar da eu professora.

"Os momentos que mais me interessam são aqueles em que somos vistos *procurando*, por muito tempo, sem encontrar. Isso é o que eu acho bonito e comovente. Quando nós, os chamados artistas, somos vistos encontrando como por um milagre ninguém aprende nada. Mas é quando nos veem não encontrando, transpirando, chorando, nos desesperando, que é apaixonante, empolgante, pedagógico."⁷

É sobre esse procurar que eu quero falar.

[Querer a viagem.] - 15 de maio, 2016.

Ministério da Cultura extinto. Sobre preferir ler Clarice do que artigo de política na internet. Alienação? As vezes prefiro fugir da realidade e ir para o mundo dos sonhos e da fantasia. Mas agora me sinto abalada pela conjuntura do país. Sinto raiva dos comentários homofóbicos, caretas, machistas que vejo por aí nessa direita ultra conservadora. Pela primeira vez vivo um momento político na história do Brasil que realmente me abala, e no qual eu me sinto prejudicada. Ontem o Serge se manifestou no Facebook, escrevendo sobre o seu apoio a nós brasileiros, nesse momento tão delicado. Ele citou meu nome, achei legal. Bom ver essa solidariedade internacional.

Café com Mesac, na disciplina Laboratório do Ensino do Teatro. Quero escrever aqui um pouco do que foi falado durante o café.

"Canta tua aldeia" *[Essa frase foi comentada na mesa do café, e pelo que me parece é do Pablo Neruda.]*

Erudição, que vem de Eros. Conhecer-se, estar inteiro, apaixonado.

⁷ MNOUCHKINE, Ariane. **A arte do presente**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011, p. 12.

Sempre partimos da nossa aldeia, das nossas coisas e é preciso se agarrar nisso. Mas também entender que a nossa aldeia vai mudando. Esse caminho, esse nomadismo. Me interessa! Pensei em refletir sobre essa relação entre o nômade/viajante e o artista. Ah! Usar a confusão, o que está acontecendo ali, como matéria prima. A confusão já é aula.

Nômades - bacantes - estrangeiros - crianças têm um lugar que é fora da polis. Báquico, dionisíaco, selvagem... Mata sombria. Queimar as pontes. Turbulência. Ser peregrino, ser clandestino, ser nômade. Trânsito. Não lugar. Lugar que acontece de vez em quando. Promíscuo, corpo, pele, textura... Sentir, sinergia. Transpassado, conhecimento como teia de aranha. Não é linear. Caos e as crianças.

É tão bom não saber. Não entender e conhecer o novo. Quero ser surpreendida pelo novo a todo instante, nessa viagem da vida. Por falar em viagem, decidi sobre julho. Vou ficar uma semana em Avignon, depois de Barcelona. Estou muito animada para essa minha primeira viagem sozinha pelo mundo.

[Como sensibilizar?] - 16 de maio, 2016.

[Relato sobre uma aula do Estágio]

O S. foi assistir hoje e disse que a aula tinha começado mesmo no final, na roda de conversa, quando peguei o livro das pinturas. Que ali eu havia sensibilizado eles. Mas como fazer? Esse é o grande desafio. Hoje foi mostrando as pinturas e refletindo sobre elas, fazendo links com o teatro e com as outras aulas. Foi uma aula de ativação do imaginário e da criatividade. Mergulhadores no fundo do mar, astronautas no espaço, tripulantes no avião, marujos em um navio, mágicos, espíões em um banco... Eles experimentaram tudo isso, mas acabaram escolhendo trabalhar a cena dos médicos na sala de cirurgia. Eu tento fugir desse cotidiano, mas eles insistem. Apesar de que a cirurgia era de separação de gêmeas siamesas e a outra era um parto. Elementos como ketchup e pimenta eram utilizados na operação. Algo de fantástico em um universo cotidiano. Gosto! Quero incentivar essa fantasia, essa loucura, esse fantástico.

[São Paulo.] - 20 de maio, 2016.

Acabo de chegar em São Paulo. A última vez que eu vim foi no ano passado para fazer a oficina com o Serge. A penúltima, para participar do processo seletivo para o *Fuerza Bruta*. Melancolia, saudades, lembranças desses momentos em São Paulo. Essa cidade sempre me recebeu muito bem. Estou curiosa para ver o que me espera dessa vez. Trabalho, teatro, profissão, conhecimento, novidades, amadurecimento. São palavras que eu associo a São Paulo, quando penso nessa cidade. Essa é a primeira viagem que eu faço desde que eu comecei a escrever esse diário. Pela janela da minha amiga F. eu vejo prédios e o céu azul. A previsão é chuva, mas o céu está lindamente azul. Trouxe comigo minha companheira de viagem e vida: Cláudia. Queremos fazer alguma coisa

com as máscaras na rua, mas não sabemos ainda o quê. Mas já fico imaginando a Claudia, o Baltazar, a Gelsa e o Joci juntos, em plena Avenida Paulista. *[Esses são os nomes de algumas das máscaras expressivas do nosso grupo de pesquisa: Máscara enCena Expressiva.]*

Ontem a noite teve manifestação e ocupação do Iphan em Porto Alegre. Artistas reunidos lutando pela volta do MINC. Forte, intenso e tenso estar passando por esse momento na história do Brasil. Fico pensando no que fazer quando estiver na Europa, em julho. Queria fazer alguma coisa que fosse significativa. Simples, porém necessária. Ainda não sei o quê. Fico imaginando eu nas ruas de Avignon com um cartaz escrito "Não ao golpe no Brasil". Quem sabe andando pelas ruas de Claudia e segurando este cartaz? Vamos ver o que acontece até lá... Como estará o Brasil daqui um mês e meio? Viajo nesse momento no pensamento, para o futuro... São tantos sonhos, desejos, vontades. Estou feliz por estar aqui agora, em São Paulo, fazendo uma das coisas que eu mais amo: Viajar.

Sobre registrar as particularidades do meu cotidiano. Quero escrever sobre a posição que eu estou deitada na cama, a caneta que eu uso e o ângulo pelo qual eu vejo o mundo fora deste quarto. Quero registrar bem essa imagem, na pele.

[Existe amor em SP.] - 22 de maio, 2016.

Último dia em São Paulo, numa mesa de bar na Rua Augusta. Poesia paulista. No meio do caos, do trânsito, do urbano. Há espaço para a poesia. Ela se revela na delicadeza, no quase despercebido. O olhar deve estar atento para isso. Procurando perceber essas riquezas. Nas formas, na arquitetura, no urbano caótico humano louco selvagem. Existe amor em SP, basta saber olhar.

À volta, no avião e as novas leituras. Jorge Larrosa e a poética do riso. Sobre rir na escola, sobre uma educação da liberdade e do riso.

["O riso destrói as certezas. E especialmente aquela certeza que constitui a consciência enclausurada: a certeza de si. Mas só na perda da certeza, no permanente questionamento da certeza, na distância irônica da certeza, está a possibilidade do devir. O riso permite que o espírito alce voo sobre si mesmo. O chapéu de guizos tem asas."]⁸

A volta é sempre melancólica. A saudade antecipada aparece. Saudade desses dois dias que vivi em São Paulo. Foi tão bom conversar sobre a vida e estar com os amigos. O A. sugeriu que eu fizesse um capítulo do TCC chamado Foda-se. Essa relação professor e aluno, a química da relação. Para a F. a J. foi maravilhosa, vai saber... Escutar, perceber a turma, perceber os alunos

⁸ LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piroetas e mascaradas. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015, p. 131.

[A aula do Sim.] - 26 de maio, 2016.

[Desabafo anti-político]

Andei meio afastada daqui, andei pensando, refletindo, mas não escrevendo. Aqui quem fala é da Terra, pra variar, estamos em guerra. O Brasil ta um caos. Cada dia uma novidade, uma notícia pior que outra. As pessoas estão descontroladas, enfurecidas. No meio desse caos eu me sinto alienada. Bicho do mato, ser de outro lugar e tempo. Não tenho vontade de entrar nesse barco das discussões políticas. Tenho vontade de entrar no barco da poesia, da magia, da música, da dança... Quero e busco a mudança, mas quero-a através do que eu entendo por arte e educação. Que não é uma arte panfletária. Não tenho vontade de estar nas assembleias discutindo, gritando, brigando. Quero estar no meio das borboletas do sítio, no mar, no rio... Quero fazer com que as pessoas sintam mais do que pensem. Estamos cheios de tanta informação, de tantos pensamentos, tanto raciocínio lógico... Aff! Precisamos de escuta, de amor, solidariedade, união... Não acredito que é pela guerra que as coisas vão se resolver. Não acredito que é nas discussões calorosas de uma assembleia que as coisas vão se resolver. Sei que eu posso estar sendo ingênua nesse meu pensamento. Sei que posso estar me iludindo, me alienando e idealizando esse mundo das borboletas. Mas não quero sair lutando por algo que eu não acredito. Eu não lutaria bem, seria destruída no primeiro tiro. Nesse momento eu sinto que a diferença que eu posso fazer é do meu jeito. E não me agregando a grandes grupos sem saber direito o que está sendo defendido. O meu jeito é tentar fazer as pessoas sentirem. Sensibilizar o mundo, que anda tão frio e cruel. Dar a liberdade para os meus alunos, fazê-los sentir. Convidá-los a esse banho de mar, a esse passeio em meio as borboletas... E não tentar introjetar qualquer tipo de conteúdo e ideia já estabelecida na cabeça deles. Deixo isso para os professores de matemática, física, química... Faço teatro para sentir mais do que pensar. É claro que o pensamento vem e é importante, bonito, necessário. Não quero de maneira alguma me abster do pensamento. Mas quero apenas que o sentimento prevaleça. A vida já está tão racional, tão lógica... A arte serve para criar sujeitos sensíveis. É mais ou menos isso que o Deleuze diz. Certo? É isso.

Pausa para sapatear um pouco e dançar livremente pelo quarto.

[A melhor aula no Aplicação - a aula improvisada.]

Foi a aula sem plano. A aula do improviso. Do início ao fim fomos criando juntos. Me coloquei como diretora. Ia pegando o que eles apresentavam e brincando com isso, modificando. E com a presença da música. Não adianta! O teatro que eu gosto tem música. O S. diz para evitar... Mas eu não quero evitar. Quero usá-la e extrapolar o limite. Quero extrair o que há de melhor na música. Por que elas me dão muito! Uma aluna me ensinou. Ela disse: "Sora, posso escolher a próxima música?" Na hora eu respondi que sim, mas com medo que virasse bagunça. Com medo de que todos fossem querer escolher as músicas e que a aula iria por água abaixo. Mas o que eu não esperava

é que ela escolheria as músicas que eles mesmo haviam sugerido e eu havia baixado, sem ainda ter utilizado. As músicas que dialogam com eles, que fazem sentido para eles. Sim a água caiu e a tempestade aconteceu. A tempestade da diversão, do entusiasmo. Aos poucos eles se identificavam com as músicas, vibravam pelos colegas. Sugestões aconteciam como "Sora, vamos apresentar isso no final! Juntamos todas as cenas e fazemos todos juntos!" Dito e feito. Fui cedendo a todos pedidos, fui sendo a professora do Sim. Foi um desafio, por que parece que a tendência é dizer Não. A tendência é ter medo dessa tempestade. Mas dessa vez permiti que a chuva viesse. Foi lindo ver a arte acontecendo ali. Eu me libertei e consegui, assim, convidar os alunos a se libertarem comigo. Foi inesquecível. Ficarei para sempre com esse dia na memória.

[Os viajantes me encantam.] - 30 de maio, 2016.

"Meus passos não eram para chegar
Porque não havia chegada
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho
Fui andando".⁹

Manoel de Barros

Tantas coisas se movimentaram em mim nesses últimos dias que acabaram paralisando a minha escrita. Encontrei com o Mesac no café da República, Armazem 47, no sábado. A recomendação do dia foi que eu começasse a ler o diário de Anaïs Nin: Henry e June. Um livro que fala de amor, paixão, erotismo. Que relação isso pode ter com a minha escrita?

Nômade está sempre em trânsito. Sempre procurando. Anaïs¹⁰ diz: que não busca a perfeição, pois essa está acabada/encerrada. Que vive do progresso.

Pois é esse progresso, essa constante mutação, esse lugar instável, esse abismo... A imagem do chão de gelo se derretendo, se partindo e eu buscando um lugar seguro, pulando de pedaço para outro. Como uma equilibrista na corda bamba... A imagem de um teatro em Paris, daqui alguns anos, já com algumas rugas nos olhos, fazendo isso em cena. O que será que eu vou estar fazendo daqui a oito anos? Paris e 2017. O desejo de viver lá, de pegar uma mala e ir, como fez o Yoshi, rumo ao desconhecido.

O viajante me seduz. Penso nas minhas viagens, no Teatro Geográfico e toda pesquisa que tanto me encantou. Penso nas pessoas que eu admiro. Nos homens pelos quais eu me atraio. E vejo que o que há em comum nisso tudo é a paixão em viajar, a curiosidade

⁹ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013, p. 48.

¹⁰ NIN, Anaïs. **Henry & June**: diários não expurgados de Anaïs Nin (1931-1932). Porto Alegre: L&PM, 2014, p. 19.

em relação ao mundo. O nômade me da tesão. Conhecer o C. e saber que ele morou seis anos em Amsterdã e que ele fala diversas línguas me enche de [.....].

[Momento tenso. Não sei se coloco aqui alguns fragmentos da escrita que eu falo sobre os amores viajantes. Mas é a primeira vez que eu cito o C. nesse diário, então opto por deixar o início da parte na qual eu me refiro a ele.]

[Desabafo anti-político 2]

Acabo de voltar da assembleia do DAD. Os alunos estão super engajados com a situação política atual. Eu vivo o conflito de querer me "enturmar", querer fazer parte dessa juventude revolucionária e ao mesmo tempo me alienar. Conversei com o Mesac sobre isso. Expliquei sobre o meu entendimento de que eu busco fazer a minha política através da poesia, uma arte poética e não panfletária. Não quero ser massa de manobra e ao mesmo tempo sinto que já cai nesse caldeirão. Sem perceber estou junto, fazendo parte de todo um movimento estudantil. É lindo de ver. Acho potente, forte, inspirador. Mas sigo acreditando que as minhas armas estão no movimento, na poesia, na música, na sensibilidade... Minha maior luta segue sendo fazer as pessoas sentirem mais. As vezes me sinto alienada e não afetada por isso que está acontecendo e então me sinto culpada. Queria que tudo isso passasse logo. Que eu pudesse apertar um botão onde congelasse tudo lá fora e eu seguisse no "fantástico mundo da Camila". Um mundo onde eu explorasse através do teatro e da dança todos absurdos da vida. Todos detalhes banais. Todas coisas mais insignificantes em um cenário tão cheio de significantes.

"As coisas que não levam
a nada
Têm grande importância."¹¹

Manoel de Barros

[Sobre o amor.] - 5 de junho, 2016.

No momento, as inquietações em mim são muitas. Eu que estava focada, centrada e organizada me vejo de repente completamente bagunçada. Agora não sei mais nada. Daqui a dois dias tenho que apresentar meu projeto de TCC. Amanhã tenho que dar uma aula. E eu não sei nada. Queria que o mundo parasse uns instantes só para eu viver isso que acontece em mim. Eu que andava tão afastada do amor, da paixão, do tesão, me sinto agora no meio desse vulcão orgasmático. Não consigo deixar de pensar nesses últimos dias. Nada é tão sério, mas eu do meu jeito de viver e sentir o mundo me deixa ser abalada. Deixo a onda me levar até a beira do mar. Não vou lutar contra ela. Não

¹¹ Op. Cit. p. 135.

vou lutar contra a natureza. Quero ser apenas levada. Como uma folha é levada pelo vento... Como eu queria ser uma folha às vezes para apenas SER. Eu sei que eu sou teimosa. [.....] Uma pessoa nada indiferente. São poucas que têm esse papel na nossa vida. Quero ser essa pessoa para alguém. Será que um dia alguém vai estar escrevendo sobre mim? Quero ser a pessoa que abala e bagunça a vida de alguém. Bagunçar a vida. [.....] Aqueles ventos que vêm do nada e nos jogam em outra direção. Ele vem para mostrar que relacionar-se pode ser leve, doce, divertido, gostoso... Ele me dá prazeres como há muito tempo eu não sentia. Me enche de [.....] e palavras de tanta sensibilidade. Ele me apresenta a delicadeza do amor, que está na entrega das duas partes.

[Penso agora na relação de amor e na relação professor - aluno. Um professor que bagunça a vida do aluno, que não é indiferente. Que transforma, instiga, questiona, provoca. Mais do que esclarece. E na relação entre o amor e o teatro, ou melhor, entre o erotismo e o teatro, que segundo a encenadora Anne Bogart, deve ser muito estreita. Ela fala sobre as sete fases de uma relação apaixonada e leva isso ao processo de criação:

"Quando vou para um ensaio, quero ter a sensação de estar indo para um encontro excitante, romântico, perturbador. O ensaio deve dar a sensação de um encontro amoroso. Como diretora ou como público, quero achar os atores atraentes, impressionantes e impossíveis de ignorar. Os melhores espetáculos que dirigi surgiram de processos de ensaio cheios de erotismo."¹²]

[Sentir o sangue.] - 8 de junho, 2016.

"Quando estou com você, é o sangue que eu sinto."¹³

Ah, como é isso que eu quero, busco e sinto no relacionar-se. Que delícia sentir o sangue! Que eu sinta isso nas relações de amor, amizade. Que eu sinta isso no teatro! Com meus colegas de cena, alunos, professores, diretores. Que eu sinta o sangue na vida. Acabo de ler os comentários sobre a apresentação da aula de ontem, na qual apresentei meu projeto de TCC. Foi bem do meu jeito de fazer e ser as coisas. Sinto que consegui de certa maneira passar minhas inquietações e paixões. Sakamoto me acompanhou enquanto eu lia a minha introdução. Quando cheguei no *Alors, dance!* minha voz começou a embargar, os olhos começaram a encher de lágrimas e caí num choro profundo. Lia enquanto chorava. Em seguida, reli um fragmento do diário do dia 1º de maio, no qual eu dizia que chorava pela terceira vez ao ler para os meus pais. E assim eu me entreguei para aquelas pessoas naquela sala, chorando pela quarta vez: "Essa é a quarta vez, agora, aqui, com vocês."

¹² BOGART, Anne. **A preparação do diretor**: sete ensaios sobre arte e teatro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 72.

¹³ NIN, Anaïs. **Henry & June**: diários não expurgados de Anaïs Nin (1931-1932). Porto Alegre: L&PM, 2014, p.67.

Alors dance! Uma viagem pela busca de um ensino sensível.

Eis o título do meu projeto, que teve a sugestão da Silvia de colocar o *Alors, dance*. Adorei. Por sinal adoro as sugestões da Silvia. A turma colaborou com diversos comentários sensíveis e instigantes. "Tu tem a tua própria faísca", escreveu a Paula, e em seguida "Fazer eles se permitirem ser quem são." Sim, não posso esquecer nunca dessa minha "lei fundamental". Gostei. "A escrita é o próprio fazer", disse a Silvia. E eu nem precisei falar sobre isso para que ela compreendesse. Estou vivendo uma relação de amor com essa pesquisa. Tudo que eu me proponho a falar e pesquisar faz todo sentido para mim. Quero me envolver de sangue com ela. Quero que ela seja eu e eu seja ela. Misturadas, eu e ela, um corpo só, em movimento.

"Quero escrever movimento puro."¹⁴

Segunda feira na aula com meus alunos. A aula que eu levei as máscaras. Foi um sucesso. Vida pulsando dentro e fora da sala de aula. Teatro acontecendo como intervenção, tirando as pessoas do fluxo, causando um desvio no cotidiano. Os alunos vibravam, apaixonados pelo universo das máscaras. Dionísio tomou conta da escola. Fiquei pensando nessa busca: Como fazer Dionísio ocupar a escola? Nessa manhã eu consegui, através das máscaras. Na última aula também, através da música e de um teatro mais físico, dançado... O que tem em comum aí?

[*Sítio.*] - 12 de junho, 2016.

[*Impressões de 24 horas na terra dos caranguejos.*]

Quero falar um pouco sobre essa experiência no meu sítio. Como eu amo aquele lugar, tão cheio de lembranças, memórias, cheiros e sabores. O pinheirinho que hoje é um pinheirão. Os brinquedos da infância, a louça... Tudo naquela casa têm uma história, uma lembrança. Estando ali é como se eu visse a Camilinha correndo pela grama, brincando no balanço, fazendo caça ao tesouro na parreira de uva. Estar no sítio é uma conexão com aquilo que eu entendo como "essência" em mim. São as raízes daquelas árvores que me dão a força para eu voar. É a minha aldeia, minha terra. É um recanto, um lugar mágico. Hoje, no auge desse processo de mudança, de alçar voo e partir rumo ao desconhecido vejo o sítio como meu porto seguro. É o lugar do retorno. Das raízes. Da infância. Sinto uma vontade grande de voar, de ir para bem longe de tudo isso que eu entendo como minha essência, mas não quero perder a conexão com aquela terra. Quero ser como o rio. Que flui, que muda a todo instante. Mas quero ter a força das raízes do pinheiro. Rio e raiz. Essa conexão, esse equilíbrio. Um pouco Dionísio e Apolo. E tem também o Kairós. Ah, sem dúvida é esse o tempo do sítio. O tempo do encantamento, o tempo vivido. O tempo do aqui e agora, do instante presente, da graça. Viver o tempo do sítio. É desligar o telefone e o relógio ao chegar e procurar não saber as horas. É deixar a noite cair e o dia amanhecer e apenas ESTAR, SENDO.

¹⁴ LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 09.

Fogo, terra, água e ar. Encontro desses elementos. Conexão total com a natureza. Eu quero ser a natureza. Quero respirar na mesma pulsação que as árvores respiram. Quero que meu sangue borbulhe como a água que corre no rio. Quero.

"É o ar mais puro que se pode respirar. É maravilhoso." *[Diálogo da peça O Mapa, entre as personagens Kit e Port, na cena do pôr do sol, que me veio à cabeça ao pensar sobre o ar do sítio. O Mapa é uma peça do Grupo Teatro Geográfico, do qual eu faço parte.]*

["Os seres humanos são atraídos física e emocionalmente para lugares onde os elementos se encontram: onde a terra encontra a água, a água encontra o ar, o ar encontra o fogo, etc. (...) Na arte e no teatro eu também sou atraída para lugares onde os elementos se encontram. Preciso de um espaço que contenha a tensão rara entre forças que se opõem e que se atraem."]¹⁵

[O ponto que nos atravessa.] - 14 de junho, 2016.

Segunda feira, no bar do Antônio, fazendo tempo antes de começar a oficina de máscara neutra. Acabo de sair da aula da S. No final da aula conversamos sobre a pesquisa do K. e sobre a pesquisa na/em arte... Ela disse:

- "O ponto que nos atravessa. Afeto." (E pôs a mão no coração)

Falou ainda sobre como pode ser dolorido o processo de criação e pesquisa, mas a importância de deixar vir e não passar por cima. Como a terapia, que podemos nos enganar fazendo e não chegando ao ponto. Sobre quando nos livramos da intensidade. E sobre a importância de pegar a onda que passa por nós, mas que não para em nós. Trabalhar com arte significa ser movido por tensão, tem que vir da gente.

- "Aceitar a viagem que nos atravessa. Ser invadido por uma onda. Não se sabe onde se vai parar e isso é o mais legal."

Ela conta ainda sobre duas professoras/orientadoras. Uma é a pessoa legal e a outra mais ou menos. Conta sobre os choros, sobre a pesquisa/escrita como desabafo. A pessoa legal a acolhe sempre, sem ressentimentos, com incentivos, dando a liberdade de criação. A pessoa mais ou menos prende, a quer só para ela, como seguidora. Ela fala sobre o decepcionar-se. Sobre como pode ser duro. O L. fala sobre a minha vomitada de palavras e o meu choro. Sinto que seduzi e sensibilizei por ter sido seduzida/afetada/atravessada pela minha própria pesquisa.

¹⁵ BOGART, Anne. **A preparação do diretor**: sete ensaios sobre arte e teatro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 71.

[Vésperas da viagem e o amor.] - 19 de junho, 2016.

Domingo. Faz frio, me agasalho bem e venho para o pátio escrever. O sol entre nuvens aparece de vez em quando, aquecendo a pele. Amanhã faltarão exatas duas semanas para embarcar. Já comprei minha mala e reservei todas passagens. A expectativa ta enorme. Hoje tive uma visão que me emocionou. Imaginei que estava no alto de uma colina e que eu via uma natureza deslumbrante. Tons de verde e azul preenchiem o espaço enquanto eu pensava "Estou tão longe de casa, nesse lugar tão lindo..." Abria os braços, abria o peito e o coração, e agradecia por esse momento. Ao escrever isso aqui o sol apareceu e iluminou as palavras escritas por alguns instantes. Como eu adoro esse conectar-se.

Esse diário já está acabando, faltam poucas páginas. Poderia escrever sobre a semana passada na oficina de máscara neutra. Mas nesse momento quero falar de algo mais quente. Quero falar sobre o que eu estou vivendo com o C. Será que eu já posso chamar de paixão? Eu não lembro qual foi a última vez que eu me sentia assim. Sinto estar vivendo algo completamente novo. Me sinto desejada e desejando. Sinto Eros invadindo meus dias. Tenho tido vontade de viver ao máximo toda a potência sexual que existe em mim. Vontade de descobrir novas sensações, de ter e dar novos prazeres. Com o C. me sinto mulher, sem resquícios da adolescência. Talvez isso seja uma das coisas que eu mais estou gostando nessa relação. Nos escrevemos coisas [.....]. Ao mesmo tempo eu sigo lendo o diário da Anaís. Talvez seja meio bobo eu estar escrevendo isso aqui. Mas queria uma faísca dela. Das conversas dela e do Henri. Quero ser influenciada por ela. E estou deixando e estou amando viver isso. Vésperas da viagem. Minha cabeça poderia estar em tantos outros lugares. Mas estou de corpo e alma no tempo presente, com vontade de aproveitar ao máximo essas duas semanas que me restam para viver essa história intensamente.

[Violência das últimas páginas.] - 29 de junho, 2016.

Esta é provavelmente a última vez que eu escrevo aqui neste diário. Talvez de espaço para mais outra, não sei. Fiquei muito tempo longe daqui. Tenho vontade de pedir "desculpas", como se ele/você/eu fosse ficar chateado(a) com minha ausência. E então me deparo: para quem estou escrevendo? Se não, para mim mesma. E, portanto eu não deveria me cobrar a escrita, certo? Afinal que Camila é essa que agora escreve, que cobra, que pede desculpas?

No último encontro com o Mesac falamos mais sobre amor do que sobre teatro. Coincidência? Não partiu de mim, falar sobre isso. Será que está na minha cara? No meu ar? O Mesac sugeriu que eu deixasse diferentes 'Camilas' escreverem aqui. Antes disso eu já havia escrito. Seria a Camila apaixonada que escreveu a última vez? E essa que agora escreve? Ah, é tanta pergunta! Sinto como se eu fosse explodir de tanta sensação, tanto pensamento. Estou feliz. A Camila que escreve agora é a Camila contente. Vou viajar segunda! Hoje é quarta feira. Falta menos de uma semana. A

expectativa é alta. Começo a me imaginar pelas ruas de Barcelona e Avignon... Começo a sonhar com esse novo lugar que me espera: a Córsega. Imagino um lugar lindo, um céu azul, um mar azul... Imagino os vinhos brancos e *rosés* e já posso sentir o gosto da *provance* descendo pela minha garganta, geladinho, refrescante. Imagino o queijo francês delicioso. Me deparo então com um lado meu que ama as boas coisas da vida. Que aprecia, degusta, experimenta e adora conhecer o novo. Como eu amo descobrir novos sabores! As azeitonas do C. são as melhores azeitonas que existem.

Esse final de semana fui para o sítio com ele. Foi delicioso. Gostaria de gravar algumas imagens na minha pele. A gente buscando lenhas com um senhor da região que usava um aparelho para audição... O banho de rio e de amor [.....]. Insegurança. Antes de ir para o sítio estava insegura em relação ao C. Queria ter escrito sobre isso, mas agora já passou um pouco. Hoje estou feliz e tranquila. Não quero escrever sobre um sentimento da semana passada. Quero escrever sobre o agora.

Hoje peguei meu passaporte alemão. É como se eu pegasse um visto para todo um plano de vida. Minha ideia de morar fora se torna mais possível. Está me batendo uma nostalgia enorme em ver que eu só tenho mais uma página aqui. Socorro, que triste. Parece que estou acabando de ler um livro que eu não quero acabar então enrolo e leio devagar. Cheguei na última página! O que escrever? Meu Deus, agora parece que existe um universo enorme de possibilidades. Eu poderia escrever sobre qualquer coisa. A escolha é tão difícil. Lembro sobre o que eu li ontem no livro da Anne Bogart. A violência do processo de criação a qual ela se referia. Eu me sinto agora extremamente violenta, ao ver que ao colocar a caneta no papel o espaço livre se torna cada vez menor. Não quero acabar esse diário. Acabo de ver que em algum momento eu rabisquei a última página. Que ideia infeliz. Ou que ideia feliz, já não sei. Afinal a ideia é desorganizar e rabiscar o pensamento, não é? Caotizar um pouco. Bagunçar. Lembro da maneira como o C. bagunça o meu cabelo. Ta acabando. Adeus, querido companheiro. Foi um prazer ter tido essa primeira experiência. Meu primeiro diário de bordo. Te quero pra sempre comigo, Camila. Que venha o novo.

[Como foi forte transcrever essa parte. Lembro da angústia na escrita. Parece que foi ontem. Me angustiei de novo ao transcrever aqui. Acabo de terminar a transcrição do primeiro diário. Sinto como se finalizasse uma etapa de criação desse TCC. Seguimos.]

[Sussuro X Grito.] - 2 de julho, 2016.

Começo agora o segundo diário. O da transição. Penso então no que o Mesac fala sobre o TRANSito. "Pensamientos vivaces como mariposas", está escrito na capa desse caderno. Como as borboletas. Ta chegando a hora da viagem. A essa hora semana que vem estarei em Barcelona. Hoje comecei a fazer a mala, embarco depois de amanhã. Enquanto separava as coisas ouvia o álbum que ZAZ fez para Berlim. Não sei qual a relação, mas achei apropriado. Berlim me lembra o desconhecido, um lugar distante, a viagem em si. A ansiedade junto com a saudade antecipada começam a bater. Estou

louca por essa viagem, mas um lado meu não tem vontade de ir. Tem vontade de ficar aqui vivendo esse momento com o C. Um lado meu tem medo, talvez. Medo das possíveis dificuldades, da saudade e da perda. Mas a coragem nesse momento é maior. A coragem e a vontade gritam enquanto o medo apenas sussurra. As vezes o sussurro ganha, o sussurro tem atravessado o movimento de gritar e extravasar pelo mundo. É isso. Essa vontade gostosa, tranquila e sussurrada de ficar amando me atravessa. E a minha vontade de engolir, respirar, ver, comer e sentir o mundo todo?! Que tanto me acompanhou esse ano... Como poder estar enfraquecida? Sinto perdê-la quando sou atravessada por esse sussurro deliciosamente perigoso.

[Esse acabou sendo o último dia que eu escrevi antes de pegar o avião. Finalizo aqui, então, esse pré-âmbulo. A partir de agora a viagem em si começa. Mas, percebo também o quanto de viagem apareceu nessa escrita do diário de bordo ao longo do primeiro semestre. Percebo o quanto foi importante começar a escrita antes da viagem propriamente dita. O quanto eu já estava viajando, mesmo antes de pegar o avião e partir rumo ao desconhecido.]

ÂMBULO

A VIAGEM

"Toda grande viagem começa com desorientação."
Anne Bogart

[A chegada.] - 5 de julho, 2016.

Aeroporto de Lisboa. Conexão para Barcelona. A viagem começou. Ontem, ao sair da minha casa. No avião. As conversas triviais, as tagarelices. A primeira pessoa desconhecida a conversar: a menina do meu lado, L. O maior problema para mim é achar uma posição para dormir. Fico me revirando como um cachorro que cava o chão antes de deitar. Dei sorte, porque não tinha ninguém no meu lado esquerdo, o que fez com que eu tivesse mais espaço. Fiquei contente com a conversa trivial com a L. Que venham muitas conversas, muitos encontros. Mas que venham também momentos profundos. Não quero ficar na superficialidade da viagem!

Profundidade foi o que eu senti ao ler as palavras do C. quando cheguei. Meu coração inundou e meus olhos molharam o suficiente para a lágrima não escorrer. Se inundou e secou, em seguida, dando espaço para um sorriso no meu rosto. Tanta sabedoria e sensibilidade apareceram nas suas palavras... Começou a viagem. Estou contente. Um medo me invade. Medo da solidão, de me encarar e ficar de frente comigo. Avignon vai ser desafiador. Então que venha, que seja lindo, poético, intenso e sensível. Quero voar como as borboletas destas páginas.

[Lembro das inquietações que eu tinha nesse momento. Lembro de pensar sobre a relação com o C. e ter medo de que ela se enfraquecesse com a distância. Enquanto pensava sobre isso, encontrei uma frase que estava escrita no canto da página do diário, circulei a frase. Era assim: "La ausencia disminuye las pequeñas pasiones y aumenta las grandes, lo mismo que el viento apaga las velas y aviva las hogueras." (Duque de La Rochefoucauld) Talvez seja meio cafona, mas achei bonito.]

[Avignon - Parte 1] - 13 de julho, 2016.

Não consegui escrever antes. Fico chateada por ter abandonado a escrita. Mas estava vivendo. Estava experienciando a vida. E enquanto isso fiquei sem vontade de sentar e escrever. Talvez porque parece que ao sentar para escrever eu paro de observar o mundo afora. Parece que eu entro em contato com algo que não está fora e sim dentro de mim. E não que isso seja ruim. Apenas não é o que eu andei com sede nos últimos dias. Estou em Avignon, no Sul da França. Aqui está sendo minha primeira viagem sozinha e eu preciso falar sobre isso!

Preciso começar dizendo que não está sendo fácil. Nem cheio de aventuras, amizades e risadas como eu imaginava. Aqui estou tendo que lidar diretamente comigo. Acordo sozinha... Passo o dia sozinha e vou dormir a noite, sozinha. No meio disso, às vezes, dou a sorte de conhecer alguém. Troco uma que outra palavra, meio do tipo "tagarelice". A primeira pessoa que eu conheci um pouco melhor foi o D. Um produtor de teatro, francês. Ele foi muito simpático. Mas eu tenho medo. Tenho medo de homens muito simpáticos. E aí eu me deparo com esse lugar em que eu, mulher, me encontro no mundo. Prestes a ser assediada, invadida e abusada a qualquer momento. É muito claro quando eu sinto meu espaço periférico sendo invadido, furado. Quando ultrapassam a tal ponto esse espaço que tocam em mim. Não gosto. D. foi legal, mas furou um pouco esse espaço, encostando no meu braço para falar comigo. Me senti invadida e então recuei, desapareci.

[Hoje percebo cada vez mais esses pequenos abusos cotidianos. Hoje me sinto cada vez mais forte e "empoderada" para lidar com isso. Não acho que este homem tenha me abusado encostando no meu braço. Eu posso estar inclusive exagerando ao escrever sobre isso, afinal não foi nada grave. Mas o que está em jogo não é tanto a ação em si, e sim o sentimento que isso me causou naquele momento, longe de casa, sozinha. Ele me convidou para comer um sorvete no dia seguinte. Eu não fui. Eu não fui porque eu não tinha nenhum "segundo interesse" nele e pensei que talvez ele não pensasse o mesmo. Com medo da situação constrangedora que poderia acontecer eu deixei de talvez ter feito um amigo. Ou não. Mas o que importa é que esse medo me paralisou em diversos momentos da viagem.]

A segunda pessoa foi o C. Brasileiro, músico e vive em Paris. Estava almoçando em um bistrô, quando ouvi ele divulgando o seu espetáculo para a mesa do lado. Li a tatuagem escrita no braço dele, em português e o nome da Cia no folder: "Toda Vida". Me senti uma detetive ao perguntar: "Por acaso a Cia é brasileira?" Ele respondeu que sim. Ufa! Que alívio encontrar um brasileiro longe de casa. Em seguida ele foi embora e eu senti escapar de mim toda uma sensação de conforto. De repente me vi de novo de frente com a angústia. O alívio foi embora e a angústia chegou. Se eu fosse personificar esses dois sentimentos, o alívio seria um cara legal, boa pessoa, acolhedor, carinhoso. A angústia uma mulher cruel, com marcas dos cigarros fumados, remédios tomados e unhas ruídas em vida. A ansiedade em pessoa. Quero ela longe de mim!

Ontem fui assistir a Angelica Liddell. Que mulher. Que espetáculo. Fiquei simplesmente abismada com aquelas cinco horas de performance. As atrizes se masturbando com os polvos! Que bizarro. E ela: Angelica Liddell. Ao entrar em cena não se enxerga mais nada. Quando abre a boca então, que força! E os japoneses dançam, cantam... Todos nus em cena. Todos mostrando o ânus, o pênis, a vagina. Todos "fodendo" em cena. E ela dizendo algo como "só fodendo na vida é que conectamos o corpo com a alma". Ao menos foi o que eu entendi.

Tenho que ir agora, para assistir "Karamazov". Prometo voltar em breve. *Au revoir!*

[Avignon, parte 2] - 15 de junho, 2015.

Em processo de despedida de Avignon. Amanhã parto para a tão aguardada ilha. Eu teria tantos detalhes para escrever aqui. Mas resumo dizendo que essa viagem está sendo um grande aprendizado. Viajar sozinha não é fácil. A solidão, às vezes, corrói por dentro. Outras vezes, ao contrário, me sinto tão plena, tão inteira. Escolho fazer algo e então faço por inteiro. Diferentemente de quando estamos acompanhados por pessoas que não nos preenchem, por exemplo. Aqui tive um encontro comigo mesma. Aqui percebi o quanto amo e preciso da minha família, dos meus amigos e do amor. Os dias foram sendo desafiadores, mas hoje já me sinto mais tranquila do que no segundo dia. Como em uma peça de teatro! O primeiro dia foi a estreia. Aquela emoção do primeiro dia, tudo meio nervoso e desajeitado. Já no segundo os problemas começam a aparecer. Agora aqui está ventando muito. Daqueles ventos que levam embora tudo que não é importante. Limpeza e purificação total. Estou no parque da cidade, na beira do lago cheio de patos. Estou bebendo uma cerveja que reflete no meu caderno fazendo um arco-íris nas borboletas.

Sobre o C.: Falei com ele no telefone pela primeira vez desde que cheguei, anteontem. Ele disse para eu ir a fundo na solidão que eu estava sentindo e tentar não fugir dela, através da rede social, etc. Eu concordo com ele. Gosto tanto do que ele diz. É tão sensível e inteligente. Isso faz com que eu o admire tanto. Tomara que ele também me admire.

Um olhar para o mundo. Um olhar que quer comer tudo ao redor. Quero sugar todas as informações. Quero ser uma comedora do mundo. Devoradora. Não quero esquecer essa semana que eu passei aqui. Não quero esquecer desse momento agora, aqui, nesse parque. Será que eu vou voltar aqui de novo? Eu espero voltar um dia. Mas a trabalho, com uma peça de teatro em cartaz no Festival. Fico pensando se quero viver aqui na Europa. Não sei ainda, tenho minhas dúvidas. Não quero viver na solidão. Quero muito uma família, amigos, amor e filhos por perto. Bom, não preciso decidir nada agora. Ainda bem! Mas quero um sinal da vida. Um verdadeiro e grande sinal do que fazer no ano que vem e assim por diante. Despeço-me de Avignon.

[Sinto saudades de Avignon e de todas essas sensações que eu vivi por lá. Saudades de perambular pelas ruas deixando apenas as horas passarem. Como caminhei por aquelas ruelas medievais. Sinto saudade até mesmo da solidão que eu vivi.]

"E aquele
Que não morou nunca em seus próprios abismos
Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas
Não foi marcado. Não será marcado. Nunca será exposto
Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema."

Manoel de Barros

[Uma noite em Bastia.] - 17 de julho, 2016.

Estou em Bastia, na Córsega. Esperando o ônibus para ir para o curso. Em um café no aeroporto, ouvindo Caetano no fone de ouvido. Têm umas pessoas na minha volta que parecem ir para o curso também. Uma escreve algo, um tem um violão, outro lê. Pessoas sozinhas, jovens, interessantes... Todos tem um mochilão e eu uma mala pesada e enorme. Vergonha. Que exagero. Mas ok. Estou aqui com minha bagagem e meus exageros.

Ontem a noite foi um dos momentos mais especiais que eu já vivi em toda minha vida. Córsega me recebeu com um entardecer encantador. Ao andar pelas ruelas, fui me perdendo. Avistei uma escadinha, optei descer. Acabei chegando à *Ciudadella*. Ao ver o porto em formato de U meu coração acelerou e inchou. Meus olhos inundaram e exclamei, sem perceber, um "Ah!". Fiquei parada, hipnotizada com aquela imagem, por alguns minutos, apenas estando e sendo. Espero ter mais momentos assim na vida. Resolvi então comer. Escolhi um restaurante na beira do porto e pedi um *menu corse*, com direito a entrada, prato principal e sobremesa. Festival de sabores, uma delícia! Ao ver a lua quase cheia iluminar o porto, chorei. Um músico tocava *Besame Mucho* no acordeom. E enquanto comia um pudim de caramelo lágrimas escorriam no meu rosto. Falei com meus pais no telefone. Chorei. Lembrei da cena que eu fiz uma vez improvisando durante o processo de criação da peça "Os Plagiários", na qual eu pegava o telefone e tinha que ligar chorando para minha mãe. Ao terminar o jantar saí perambulando pelo cais atrás de um som que tocava. Era uma banda de rock. Parei nesse bar para olhar a banda e segui tomando vinho. Voltei meio embriagada para o hotel, encantada com a noite que havia passado. Ao chegar ao hotel falei com o C. pelo telefone por duas horas. Fizemos [.....]. Ele disse que está apaixonado por mim. Quase morri ao escutar isso, me joguei na cama e curti bem boba, bem apaixonada.

Ouçó agora Vaca Profana e lembro-me da *Orxata* de Barcelona. O coração começa a acelerar. Estou muito ansiosa. Quase tremendo. Meio com dor de barriga. Vou parar de escrever porque minha mão já treme. Que comece!

[Fim do diário de transição. Início do estágio no L'Aria. Percebo agora o quanto foram ricas essas duas semanas de viagem antes do estágio. Em Avignon e nessa noite na Córsega, aconteceram momentos muito significativos para a viagem.]

[Se apresentar.] - 18 de julho, 2016.

Cheguei ao L'Aria ontem. A estrada foi linda. O lugar é incrível. Ao sair do ônibus vi o Serge. Nos abraçamos, fiquei feliz em vê-lo. Estou no quarto com a chilena A. Mais tarde, fizemos uma reunião de apresentação na qual eu me apresentei em francês. Que nervoso! Em seguida teve um jantar com comida típica da Córsega. Estava delicioso. Hoje pela manhã aprendemos diversas danças típicas da região.

Agora está tendo o primeiro encontro com o professor R. Estou quase dormindo, está muito chato. Ele fica corrigindo cada palavra na leitura dos alunos. Eu definitivamente não gosto desse tipo de trabalho. Querer corrigir as intenções do texto, sem antes passar por nenhum estado. Isso para mim não faz sentido. Não é isso que eu busco. Agora já passamos para o segundo encontro, com o M. Cada um deve se apresentar e tentar responder a questão: "Por que eu faço teatro?" Será um desafio falar isso em francês, estou nervosa.

[Lembro agora que eu me saí bem nessa parte de apresentação, dentro das minhas limitações com a língua. A turma foi muito carinhosa.]

[A verdadeira comunicação.] - 19 de julho, 2016.

Ontem a noite tivemos o encontro com a M. Gostei dela. Achei ela uma mulher bonita e interessante. Gosto de pessoas interessantes. Ela disse ser fiel ao texto, não mudar nenhuma palavra, pois isso interfere no ritmo do texto escrito pelo autor. Interessante. Mas meio limitante, não? Em todo caso, gostei do encontro, no fim da tarde, com a luz da lua e do pôr do sol. Foi um belo entardecer.

Agora estou no encontro com a dupla J. e R. Eles são do tal Conservatório de Teatro de Paris, tão falado por aqui. Eles vão adaptar os poemas do poeta francês Baudelaire para o teatro. Como transpor a poesia para o teatro? Interessante... Blablablablaba... Ah, quanta falação! Gosto de coisas que começam fazendo, na ação!

Depois daqui vai ser o primeiro encontro com o Serge. Estou um pouco nervosa. Me sinto com a responsabilidade de algo, por ter sido convidada. Responsabilidade de ser boa atriz. Que medo! Chega de falação, quero fazer algo prático!

Primeiro encontro com o Serge:

"Pesquisa do concreto. Desenhar. Sem palavras. Corpo. O mais importante é viver o presente. Esse é o trabalho da improvisação. Mimo - Chaplin. Voltar a infância. Trabalhar na imaginação. (Meu coração já está acelerado!). Usar a música para receber as imagens. Não improvisar com a cabeça e sim com o coração e a alma. Tem que confiar no imaginário."

Ah meu coração! Já chorei.

"Andando pelo espaço. Escutem a música. Já é cena andar pelo espaço. Entrem na história. O teatro é sempre um momento extraordinário da vida. Não é o cotidiano, se não é TV. Ajam! Agir! Vá! Tem que provocar."

"O trabalho vai começar a partir da verdade". (E aponta para o coração.) "E não a partir daqui." (E aponta para a cabeça). *[ISSO PARA MIM É TALVEZ UMA DAS LEIS FUNDAMENTAIS!]*

Ah! Agora sim, percebo que faz todo sentido eu ter vindo aqui. Maria Callas arrepia cada canto do meu corpo.

"Quando fica no nosso interior e não agimos de fato o público não vê. É preciso agir. Se não, fica no psicológico. Cuidem com a paródia. Para um ator: Você viu a imagem, mas a escondeu. Vão a fundo! Encontre sua independência."

"Receba. Receba."

Sinto que é a primeira vez aqui que eu me comunico de verdade. A verdadeira comunicação. Que não se dá pelas palavras. E sim pelo coração. Pelo sentir. E então, passa a ser universal. *[É ESSA A COMUNICAÇÃO QUE EU BUSCO NO TEATRO.]*

Ele diz para o aluno especial, que mesmo sem dublar estava sensível a música que tocava: "No interior você cantou." Para mim, isso é uma prova da sensibilidade de um professor.

"Tem que escolher. Fazer escolhas. É isso que vai fazer como que a história se desenvolva. É o dilema que nós queremos ver."

Fim da aula. Um encontro de uma hora e meia que realmente aconteceu.

[O corpo no teatro.] - 20 de julho, 2016.

A noite de ontem foi com a coreógrafa francesa Caroline Marcadé. Adorei! Um trabalho lindo de corpo. Um olhar especial que transformava ações e movimentos extremamente simples em cenas super potentes. Isso me interessa muito.

Exercícios C.: 2/4 pessoas sentadas no chão, uma ao lado da outra, deixar o peso do corpo cair sob o corpo do colega. Na posição de "4", passar pelo chão sentado (uma bunda depois outra) e caminha um pouco de "4". A medida que isso vai ficando orgânico, vai se transformando. A cena acabou virando uma espécie de duelo meio tribal, ritual. Sozinho: improvisação da fuga.

Por fim, fizemos um círculo e apenas nos olhamos por um tempo. Olhos nos olhos. Foi bem bonito e especial esse momento, eu percebi que eu ainda não tinha olhado nos olhos de tanta gente que eu tenho convivido aqui. Uma pena eu não poder fazer o trabalho da Caroline, já que vai ser ao mesmo tempo em que o do Serge. Adoraria fazer com ela.

Hoje teve o encontro com o Fabrice Michel, outro professor/diretor francês. Gostei dele, da sua energia e da maneira como ele conduziu o primeiro encontro: na prática.

[Os nomes da Caroline e do Fabrice eu resolvi revelar, pois eles enquadram-se no grupo de professores importantes para este trabalho e que eu não vejo problema em revelar.]

Exercícios F.: Em círculo, todos se dão as mãos e se faz uma corrente de energia. Ao mesmo tempo deve-se contar aleatoriamente até 25. (Interessante o desafio de manter o foco em duas coisas diferentes ao mesmo tempo). Em seguida, foi uma espécie de "zip zap", mas com a corrente de energia dos pés ao mesmo tempo: pé esquerdo e direito, segue para direita e vice versa, duas vezes o mesmo pé, inverte o sentido. Um terceiro elemento então foi "passar o chapéu imaginário". Pega o chapéu com uma mão, coloca, tira e passa com a outra mão. Vários focos ao mesmo tempo. Bem interessante! Quero usar com meus alunos. Em um segundo momento, trabalhamos a respiração com a voz. Fala-se "aaah" enquanto sente a respiração abdominal. Para mim, esse tipo de exercício, técnico, é sempre meio chato e difícil. Mas entendo que seja importante, então ok. Ele disse: "Na vida cotidiana usamos o mínimo de energia para fazer o máximo. No teatro precisamos usar o máximo para fazer o mínimo. É um corpo dilatado, vivo." *[Isso me interessa. Me lembra a oficina com a Roberta Carreri e o que estudei na linha da antropologia teatral, do Eugenio Barba.]* Para finalizar, fizemos um exercício que me lembrou muito o trabalho de *clown*. Em duplas, um fica fora da sala de aula e outro dentro. O que entra deve fazer tudo que for possível para distrair o outro, sem tocá-lo, até que a pessoa que está imóvel se desconcentre e ria. Eu fiz o cavalo e funcionou bem. *[Adoro fazer o cavalo.]* Pensei em usar com os meus alunos também.

Semana que vem vão começar os ensaios. Acredito que vai ser bem mais interessante, porque vai ser só o Serge e o Fabrice (sim, escolhi fazer com o Fabrice). Não vejo a hora, já não suporto mais os encontros com o R. No encontro com R. e J. ontem, dormi. Enfim, vou escrever as coisas mais significativas aqui.

[Um corpo estrangeiro.] - 21 de julho, 2016.

Ontem teve o encontro com o M. em que deveríamos apresentar as performances para o tema "Os corpos estrangeiros". Fiz uma cena falando sobre os índios no Brasil. Foi necessária e libertadora. Comecei dizendo em francês: "Hoje, no Brasil, os índios são estrangeiros, no seu próprio país." Em seguida disse a única frase que eu sei em uma língua indígena (aprendi com meu avô quando era criança e jamais esqueci), que significa: "Vamos comer milho verde em volta da fogueira?". Porém disse essa frase com sangue nos olhos como se dissesse: "Vão a merda, europeus!". Então, tirei toda minha roupa. Fiz um "uhuhuhuhu", dei uma volta fazendo um movimento de tirar da terra e jogar para o céu e então, como se avistasse a caravela longe invadindo minha terra, comecei a levar tiros em todo corpo, sendo derrotada, até cair no chão. Jogada no chão, nua, senti meu coração que estava acelerado. Senti o chão, a vibração tensa que estava no ar. Senti o silêncio absoluto na sala. Me levantei, me vesti calmamente e saí de cena.

Foi uma maravilha fazer isso. Se foi bom ou não para quem estava vendo eu não sei. Sei que foi necessário para mim. Libertador. Me senti fazendo algo crítico e político no teatro. Talvez tenha sido a coisa mais política que eu já fiz no teatro. Lembrei do meu avô. Fiz para ele. Lembrei também do Marcelo, fiz para ele. Agora percebo o quanto eu aprendi com ele e o quanto ele colaborou para que eu alcançasse essa força e coragem em cena. Tenho vontade de agradecer a ele por isso. Lembrei também de todos aqueles que me incentivam a qualquer ato de coragem e de contravenção, como o Mesac, por exemplo. Lembrei também do meu pai, que um pouco antes de eu pegar o avião me disse: "Representa o Brasil, filha." Pois foi isso que eu me senti fazendo. Me senti tentando dar voz a todo um povo brasileiro, em um cenário onde muitos ali não sabiam nem quem eram os índios! Estou contente com esse momento. Me sinto inteira.

À noite, teve encontro com a M. Chatíssima a maneira como ela conduz o texto. Extremamente técnica, ela exige cada vírgula, cada letra. Ser fiel ao texto acima de tudo. E o estado? E o coração? E a alma? Aff! Eu definitivamente penso como o Serge: TEM QUE PASSAR PELO CORAÇÃO ANTES DA CABEÇA.

Agora estou no encontro com o Fabrice. Vamos trabalhar a relação entre o texto e o corpo. Ele diz: "O corpo tem que preceder o texto. O trabalho do ator é encontrar essa conexão íntima do texto com o corpo. Tem que estar junto/dentro." Ele fala também sobre deixar passar, abrir o corpo e trabalhar para receber a energia que faz o corpo dilatar. Para que o espectador possa ver através do ator. Para que o espectador possa entrar dentro do ritmo do ator e respirar junto com o ator. "Deixem passar, não prendam. Tem que ser transparente para que possam aparecer diferentes cores." (Gostei dessa imagem). Acabei de experimentar cantar "Não deixe o samba morrer." Fiz duas vezes e a pedido dele comecei do chão, na segunda vez, como se fosse difícil levantar. Acabei enlouquecendo no chão. Senti uma energia forte e sexual que está com vontade de sair de mim. Ele disse para eu cuidar com a respiração, a deixando circular, para não prender e não forçar a garganta. Por fim disse: *Superb!*

[Fico pensando sobre a importância da cena do índio. Sobre a importância de cantar um samba. Sobre a importância de se afirmar como brasileira no exterior. Isso foi uma das coisas mais fortes que eu senti ao longo de toda viagem, sem dúvida. Era uma questão de afirmação da identidade. De afirmação da força de todo um povo explorado, sofrido. Não é muito racional, eu não sei explicar muito bem. É uma questão de instinto. O Brasil se manifestava no meu corpo, na minha maneira de ser e de me comunicar com o mundo o tempo inteiro. Se manifestava através do samba, através do índio, da natureza, da música, da comida, do calor humano, do humor... Lá fora eu fui a Camila mais brasileira que já existiu em mim.]

Segundo encontro com o Serge:

Começa tocando uma música no estilo Bregovic, música da Armênia. Já adoro.

"É nas ações que a gente compreende o personagem. Vocês pensam que apenas ter o estado basta e o público verá tudo. Mas não, o público não está dentro da cabeça do ator e nem com uma câmera que vai fazer um close no rosto do ator. É preciso se colocar em ação."

Então ele propõe um exercício: Improvisar o papel de teatro dos sonhos. A turma deve adivinhar. Sem falar, apenas com o corpo e a música. Fiquei com medo de fazer esse exercício, me dei conta que não conheço muito papéis clássicos de teatro. Os alunos fizeram Édipo, Clitemnestra, Hamlet, etc. Enfim, personagens clássicos que tem ações clássicas. O Édipo furando os olhos, por exemplo. Todos estavam se divertindo. O medo me paralisou e não fui improvisar. Isso me desanima um pouco. Comparado ao primeiro encontro, esse foi um pouco decepcionante. Mas os alunos todos adoraram o que me irritou mais ainda. Será que o "problema" está em mim?

[Pássaro frágil] - 22 de julho, 2016.

Escrevo como um pássaro frágil, que sem força para alçar voo fica no ninho chorando. Hoje estou me sentindo sem força para encarar esse desafio. Vamos começar os ensaios hoje. Vamos fazer leituras dos textos. Isso me apavora. Estou sentindo medo, angústia e ansiedade. Estou com muita saudade de falar português. Aqui ninguém fala português. Estou com saudade de ter um ombro amigo, uma pessoa para me dar colo. Saudade da minha mãe, do meu pai, do meu irmão, dos meus amigos do teatro. Muita saudade dos meus companheiros de teatro. Com quem eu sempre pensei e vivenciei o teatro junto. Saudades da F., do A. e do F.. Saudades do Grupo Teatro Geográfico. Enfim, dos meus. Saudades do lar. De estar em casa. Ah que saudade! Meu coração então aperta e sinto as lágrimas correrem no meu rosto. Estou viajando há quase três semanas. Ainda restam mais três...

Acabou de chegar a A. aqui. Me abraçou forte. Que sincronia. Depois o colega M. veio e me deu um bilhete que dizia sobre minha força... Que momento! Justo agora que me sinto tão frágil... A força que eu tive até então, a força da cena dos índios parece ser invadida por uma fraqueza absoluta. Me bate uma responsabilidade como se eu precisasse provar algo a alguém. A meus pais? Ao Serge? A mim mesma? Por que essa exigência comigo mesma? O processo ainda nem começou. Vai começar hoje e eu já estou sofrendo por antecipação. Medo. Me sinto sozinha... A A. disse que se sente invisível aqui. Sim, é um pouco isso. Um momento de fraqueza no meio de tanta força que acabei tendo que ter nos últimos dias. Mas que venha. Dai-me força, coragem, sensibilidade e inteligência para encarar isso da melhor forma possível.

1º ensaio da peça "Abele S.", com direção do Serge.

Fizemos uma leitura do texto. Foi um desafio enorme para eu ler em francês. Para primeira vez acredito que eu me saí bem até. Digo, não foi tão horrível. Em seguida Serge mostrou umas imagens para inspirar o processo. Interessante começar assim...

Mas quero ir logo para a cena! Não gosto de ficar lendo o texto. Em seguida, fomos conhecer o local onde iremos fazer a peça. Fica atrás de uma igreja, de frente para a montanha... Lindo e inspirador! Acho tenso o tamanho do texto e a quantidade de coisa para fazer em apenas duas semanas. Mas bem, vamos lá, afinal: "*C'est la aventure!*"

1º ensaio da peça "Leonce e Lena", com direção do Fabrice.

Adivinha? Fizemos uma leitura do texto. Mas dessa vez eu achei o texto em português, o que facilitou bastante a compreensão. Na hora de ler, ele pediu que eu lesse a Rosetta em português mesmo. Acabou sendo bem engraçado, todos riram.

[Claudia em cena] - 23 de julho, 2016.

2º ensaio "Leonce e Lena".

Figurinos disponíveis para improvisar, máscaras para o baile final. A ideia foi improvisar a peça inteira com o texto na mão, podendo propor o que quisesse. Acabou sendo bem caótico, é claro. Eu experimentei de tudo, toquei castanholas. Usei a máscara da Claudia. Foi interessante. Talvez eu faça a Rosetta, e talvez eu fale português mesmo na peça, o que me deu certo alívio. Conhecemos o local da peça, bem no meio do mato, me lembrou o sítio.

[A decepção começa.] - 25 de julho, 2016.

Ontem foi o dia livre (domingo). Descemos a montanha e fomos até a praia, perto de *Ile Rousse*. Foi um dia inteiro de praia com direito a banho de mar no Mediterrâneo, tava uma delícia. À noite jantamos em um restaurante na beira do mar, incrível. O Serge convidou a mim e a A. para conhecer esse lugar. Tinha tudo para ser perfeito, mas sinto que faltou algo. Ele parecia estar meio desconectado, meio fora, e não vivendo o presente. O que me decepciona um pouco, já que vai contra o maior ensinamento dele no teatro "viver o presente".

[Penso agora nessa relação entre o viver o presente no teatro e na vida real. Sempre me interessou pensar em viver a vida nessa intensidade do presente. O estado da cena, de se conectar no aqui e agora, é um estado que tento buscar na vida. Vivemos ansiosos pensando no futuro ou remoendo coisas do passado. É tão difícil estar por inteiro em algo. Quando penso no teatro como educação, penso que talvez um dos maiores desafios seja fazer com que os alunos se conectem nesse instante presente do teatro, se deixando levar pela aventura que possa vir a acontecer em cena. E assim, saiam de uma aula quase que embriagados pela intensidade vivida, buscando isso nas suas próprias vidas. Ao menos é assim que funciona comigo.]

Ensaio "Leonce e Lena".

Serei a Rosetta! Farei duas cenas, uma com Leonce e outra com Lena. Segundo Fabrice, a Rosetta é a personagem trágica da peça. O ensaio rolou. Não foi genial, nem divertido.

O tempo de processo é muito curto e isso é meio brochante. Pois é sinal de que não teremos tempo para um processo artístico como eu gosto, com profundidade e intensidade. Não há tempo para pirar e nem experimentar. O Serge, por exemplo, vai distribuir os papéis sem antes experimentarmos em uma improvisação. E até onde eu li, a Ariane Mnouchkine jamais faria isso. Então é um pouco isso que me desanima. EU ESPERAVA ACIMA DE TUDO UM PROCESSO SENSÍVEL. A viagem pela busca de um ensino sensível... Ainda não encontrei isso por aqui. Sigo na busca. Talvez a BUSCA seja mais importante do que de fato encontrar... Talvez seja isso. O ser humano e suas inconstâncias e imperfeições. O Serge não é sensível 100% do tempo. Ele também pode ser outras coisas.

Ensaio "Abele S."

Farei o coro das bruxas. Legal, será uma experiência bacana, imagino. Mas ainda não sei o que as bruxas fazem na história, por que não entendo o texto. Isso é meio desesperador.

[Cadê a sensibilidade?] - 26 de julho, 2016.

Atelier de improvisação com o Serge. Ele não parece muito animado. O clima parece um pouco tenso. Veremos o que passa...

"Agir. Decomposição física. Receber e agir. Escutar. Receber. Deixar o espaço para o colega, para o jogo acontecer."

Imediatamente ouvir a música. As músicas do Serge são tão lindas...

"Não correr atrás do outro e sim fazer com que o outro venha. Desenhar! Se tiver vontade de fazer, faça! No teatro podemos fazer tudo que queremos. Etapas da vida. Tudo pode mudar graças ao que recebemos. A música é versátil. Transposição do corpo. Ação!"

Ensaio "Abele S."

Desabafo: Que processo de criação chato... Que decepção. Não era isso que eu esperava. Texto, leituras... Cadê os estados? CADÊ A SENSIBILIDADE?

[Questões ao pôr do sol.] - 28 de julho, 2016.

Pôr do sol reflete no meu rosto. INQUIETUDE. Pela primeira vez, talvez, me pergunto se é isso que eu quero realmente fazer da minha vida. Será mesmo que ser atriz é a profissão que eu quero para mim? Me pego pensando sobre isso por aqui. Me pego pensando no tamanho do mundo e da vida e vejo o quão pequeno é isso: uma profissão de uma pessoa. Por que na verdade não importa o que eu escolher fazer da minha vida. Isso não vai afetar ninguém. A escolha é minha e eu sou a única a assumir a responsabilidade dessa escolha. Enfim... Saudade. Sinto saudade de casa. De fazer teatro com meus companheiros. De fazer teatro com um grupo de amigos. Ah, como eu sinto falta de ter os amigos e amores junto nessa aventura. Que falta me faz um processo de criação, de verdade. Intenso, louco, caótico, poético, sensível, profundo... Como foi a “Kalashnikov” [*minha primeira peça de teatro, na época do Tepa*] e “Os Plagiários”. Como foi com o Teatro Geográfico... E com as máscaras. Me sinto perdida, não faço ideia para onde ir e nem do que fazer. Ano que vem é uma incógnita. O que será do ano que vem? Não sei mais se quero vir para a Europa. Sinto falta do meu país, da minha terra. Estou perdida. Não sei para onde e nem o que eu quero fazer. TALVEZ EU TENHA CHEGADO A UM PONTO IMPORTANTE NESSA HISTÓRIA. Em uma bifurcação. Em um ponto final? Não sei! Só sei que nem tudo é maravilhoso. Mas isso é bom, fico contente de estar passando por isso. De estar vivendo isso. Sinto que já vale a viagem, de certa forma. Só de estar tendo essas reflexões, tão necessárias. Tenho que ir para o ensaio agora, mas quero voltar a escrever. Sinto que preciso escrever mais. Sinto que me desconectei daqui e preciso me reconectar. Me sinto melhor quando escrevo. Mais forte e em harmonia comigo mesma. As pessoas conversam em volta, o sol ilumina tudo lindamente deixando tudo mais dourado, laranja... Estou com uma blusa azul e casaco vermelho. Lembro das cores de Cabo Polônio, saudades daquela viagem e daquele momento que também foi importante na minha vida.

[Aprendizado] - 29 de julho, 2016.

Sobre o Serge. Esperava um processo diferente. Esperava algo mais próximo do que são os *ateliers* dele. Do trabalho com a música e improvisação. Esperava passar um pouco do que é o processo de criação no *Théâtre du Soleil*, com a Mnouchkine. Aqui tem coisas boas também, é claro. Está sendo bom ver ele dirigindo/manipulando os atores. A capacidade dele de se colocar no presente como artista é realmente incrível. É como se ele vivesse junto todas as personagens. Se ele fosse fazer todas as personagens da peça, eu acredito que ele faria muito melhor do que todos nós juntos. Ele é um excelente ator, isso eu tenho certeza. A sua capacidade de atuar incrivelmente faz dele um bom diretor de atores. Mas, quanto ao processo eu tenho minhas dúvidas e críticas: Não gosto de montar um texto estritamente como ele é. Não me interessa montar uma peça que não tenha espaço para inventar outros mundos, criar outras cenas, extras ao texto. Vejo o texto como uma camada, mas atrás dela ou junto com ela tem tantas outras. Fico decepcionada, pois SINTO QUE AINDA NÃO APRENDI NADA NOVO COM O SERGE. Sinto que duas semanas no Brasil de oficina com ele foram mais intensas que estas aqui. Queria ser dirigida por ele. Queria passar por algo surpreendente e novo com

ele. Queria descobrir algo novo no teatro. Queria voltar melhor atriz. Queria adquirir mais ferramentas para o meu trabalho. E sinto que o maior aprendizado aqui está sendo outra coisa. Algo que não tem talvez uma relação direta com o teatro ou com minha carreira como atriz. Algo muito mais ligado a um aprendizado de vida, que está em aprender a lidar com a solidão, com a saudade, com o estar/ser sozinho no mundo. APRENDER A LIDAR COM A INSIGNIFICÂNCIA NO MUNDO.

O C. me disse: "Tenho certeza que tu ainda vai ser surpreendida aí." Assim espero. Ele disse ainda para eu estar aberta. Será que eu estou fechada? Fiquei pensando sobre isso... Como me abrir mais? Bem, fica a questão. Vou estudar meus textos agora, como todos fazem por aqui. (Aff!).

[Festa] - 31 de julho, 2016.

Domingo de sol e ensaio. Vontade de um domingo de descanso e almoço em família. De acordar amando... Ontem fizemos uma festa até às seis da manhã. O amanhecer estava lindo! Que fotografia incrível daria. A lua fininha, as nuvens e o céu meio azul, rosa, laranja, roxo... Me lembrou a luz do Cabo Polônio. Ainda sobre ontem: a decepção. [.....] Sinto que um modelo de artista que eu tinha se destrói pouco a pouco. Como uma escultura que vai "craquelando" aos poucos. Ao mesmo tempo sei que é bom que isso esteja acontecendo. É a vida mostrando que o ser humano é assim: imperfeito. Me vejo revendo várias ideias, me vejo pensando sobre algo muito maior. Sobre meus "modelos", minhas exigências e idealizações do mundo e das pessoas. A vida como ela é. A verdade nua e crua. O lado não romântico da vida. O sangue, o esperma, o osso. Tudo que está por baixo, nas camadas mais internas e subterrâneas.

Quanto ao processo de "Abele S.". Repito aqui o quão interessante é ver a habilidade do Serge em dirigir atores. Ver como ele domina essa arte do ator é incrível. Mas é um tipo de direção que em princípio não é como eu busco. Não gosto, por exemplo, quando ele fala a frase do ator, "mostrando como fazer". Isso de dar o exemplo de como deve ser. Vejo muitos diretores fazendo isso. Eu prefiro mostrar o caminho, ou melhor, proporcionar o caminho, para a busca do ator. Não mostrar o resultado já pronto. É claro que aqui, devido ao tempo curto, é impossível adentrar em um processo de uma longa busca. Talvez por isso ele tenha optado por esse caminho mais curto e fácil, da demonstração. Enfim, tenho minhas dúvidas, minhas questões. Nenhuma conclusão no momento, o que é bom. A pesquisa segue.

Ensaio "Abele S.". *Superb!*

Começamos com um exercício super interessante para trabalhar com o "palco passarela". O ator, ao entrar em cena, deve dar atenção a todos os espectadores, que encontram-se dos dois lados.

"No silêncio que habitamos o espaço com o movimento, as ações. Satisfazer o espectador com movimento, não precisa ser necessariamente o texto para o espectador sempre. Decomposição! Do texto, do corpo. Preocupação em saber que tem público nos dois lados. Não esquecer de ninguém na plateia. Não esquecer do companheiro de cena também."

Serge manipula os atores. Gosto! Alguns ficam como "bonecos", preocupados com a técnica, mas não ocupam verdadeiramente o espaço.

Ocupar/habitar o espaço! Não é falar o texto para o público e sim abrir um pouco a vida do personagem para o público. Mas o texto é direcionado ao companheiro de cena, mesmo que se fale de costas para ele, dividindo com o público. Não recitar! Não jogar o texto fora com uma frase inteira.

VIVER O PRESENTE. Prisioneiros da técnica. LIBERTEM-SE! DIVIRTAM-SE!

[Obrigada Bossa Nova.] - 4 de agosto, 2016.

Hoje acordei e vim para o ensaio de "Leonce e Lena". Fiquei feliz que vamos fazer a estreia domingo e depois a segunda apresentação na quarta feira. Assim, meus pais vão poder assistir. Agora estou deitada embaixo de uma enorme árvore. Coloquei minha canga e sob a sombra da árvore escrevo, tranquila. No fone de ouvido escuto João Gilberto. Lembro então do C., dele cantando e tocando violão. Lembro dos belos momentos que tivemos antes dessa viagem. Às vezes sinto que estou perdendo um pouco ele, que estamos nos afastando... E eu não queria isso. Estava tão feliz antes de vir, tão apaixonada, amada, contente. O som de um instrumento de sopro agora acaricia meu ouvido. Fecho os olhos e a imaginação me leva para diferentes lugares. Para o Rio de Janeiro, no final de tarde, no calçadão, no Arpoador... Saudades do Rio. Saudades do Brasil, de estar no meu país. Aqui serei para sempre uma estrangeira. Me sinto meio óvni. Queria ser teletransportada para lá, agora. Só para tomar uma água de coco e respirar o ar brasileiro. Ouvir música brasileira aqui tem sido muito importante. Me deixa tranquila... Sinto como um carinho no coração, um aconchego. Obrigada Bossa Nova, por ser minha companheira nessa viagem. Obrigada Novos Baianos, que agora toca, meus companheiros de viagem.

Preciso escrever sobre o processo com o Serge, mas não tenho vontade agora. Parece que eu preciso deixar as coisas acalmarem um pouco. Estou confusa. Tem dias que eu penso "ah, como ele é incrível" e outros que eu penso "ah, que decepção". No meio do caminho reflito sobre a vida, sobre o teatro, sobre as escolhas... Por que eu vim para cá? QUAL O MOTIVO DA MINHA VIAGEM? São questões que eu me faço todo dia aqui. As respostas não são claras, aliás, não há respostas, e sim mais e mais questões. Talvez o maior tesouro dessa viagem esteja sendo justamente o questionamento e a reflexão.

"Quero morrer numa batucada de bamba. Na cadência bonita do samba."

[Cavalo] - 5 de agosto, 2016.

Amanhã é a estreia de "Abele S.". Não estou muito satisfeita com meu trabalho, mas ao mesmo tempo há momentos que eu acho bonito o espetáculo, de maneira geral. É incrível o bom gosto no estilo *Soleil* que o Serge tem. O cuidado com os mínimos detalhes, com os figurinos, acessórios, cenário. Me encanta esse cuidado, esse respeito e carinho com o teatro. A maneira como ele arruma os atores, ajuda na maquiagem... Esses pequenos momentos e detalhes me encantam! E também as coisas que ele fala pra nós sobre o trabalho do ator. Ele disse em um momento algo mais ou menos assim: "Estar em cena é como estar andando a cavalo, não se pode nunca relaxar completamente, sempre há uma certa tensão, para que não se caia do cavalo." Gostei muito dessa metáfora. Quero explorar mais essa relação do teatro com o cavalo. Saudades de andar a cavalo. Fico pensando no segundo semestre... Penso em mudança. Queria começar coisas novas, mudar um pouco a vida. Quero trabalhar! Crescer profissionalmente. Percebo que não aprendi nada de extraordinário aqui em relação ao teatro. Talvez tenha servido para afirmar certos questionamentos e impressões que eu tenho em relação ao teatro.

[Première] - 6 de agosto, 2016.

Hoje é dia de estreia! *Première* de "Abele S.". Primeiro dia da minha vida que eu vou atuar em outra língua. Acho que é um momento importante, mas confesso que eu queria sentir o coração mais acelerado. Lembro como se fosse ontem o dia da estreia de outros espetáculos que eu fiz... Sinto falta da intensidade. Queria um processo de criação assim: um mergulho, uma aventura. Fico pensando que talvez uma das coisas que mais que inquieta e incomoda no mundo seja a superficialidade. Vejo a minha busca cada vez mais ligada às profundezas, ao que está mais por baixo, por dentro, fervendo. Na peça "Leonce e Lena" tenho me divertido na cena com Lena. Gosto muito de jogar/atuar com a Maria (atriz grega). Ela me lembra um pouco alguns atores brasileiros que eu gosto de dividir a cena. Olho no olho, força, verdade, garra. É tão mais fácil atuar quando temos um bom parceiro de cena. Tão fundamental: o outro. Serge diz que nossa fala sempre vem do outro. Que é o outro que vai dar o tom da nossa fala. E que é preciso somente ESCUTAR. Ah, pois é... É sobre essa escuta, que muitas vezes nos falta em cena e também na vida, que eu quero falar. Será que estamos todos "desajeitados"? Que não estamos nos percebendo/escutando como seres humanos? Quando na vida que eu me sinto realmente escutando e sendo escutada de verdade? E se pensarmos na escuta que está, muitas vezes, além da palavra. Na escuta como sensibilidade. Porque no fim é isso que importa. Me sinto como se desse várias voltas e acabasse chegando sempre no mesmo lugar. Sempre na mesma pergunta e resposta. Uma pergunta que é como se eu já tivesse uma resposta. Mas que, ao mesmo tempo, eu não sei explicar ainda como e nem o porquê. O que eu sinto falta na vida e nos processos de criação/aulas de teatro? Sensibilidade. Por quê? Para se perceber, se escutar, se enxergar e assim poder

estabelecer relações mais sinceras e profundas. E como fazer para ativar essa sensibilidade? Não sei. Essa é a minha busca.

Ontem passei por um bom momento com a M., depois do ensaio. Demos risadas, nos entendemos, trocamos ideias. Por um segundo me peguei pensando: "Gosto dela. Sinto que ela ocupa o espaço das minhas amigas aqui." Até então não tinha pensando sobre isso, foi como um estalo. Me dei conta de que estou criando laços por aqui. Como é louco criar esses laços assim, do nada. Fiquei pensando sobre isso, sobre essa aproximação. Uma grega e uma brasileira. Algo nos uniu e nos damos bem. Fora ela, tem também a A., minha "hermana chilena". É como se fosse minha mãe aqui. Ocupou um espaço que seria entre a mãe e uma irmã mais velha. Uma tia, madrinha... Querida, protetora, mulher forte. Foi muito importante ela aqui. Um aconchego latino no meio de tanta frieza europeia.

[O estado vai vir.] - 8 de agosto, 2016.

Conversa com Serge sobre o espetáculo. Ele fala sobre ir mais ao drama, nos estados e emoções. Sobre não fabricar. Sobre confiar na história a ser contada. "É simples", diz ele. E continua: "Escutar, receber.". Fala sobre as marcas exteriores de insegurança interna. E diz: "Confiem em vocês mesmos." Fala sobre o desenho que fazemos com o corpo em cena. Sobre a simplicidade. Sobre atuar como se anda a cavalo. Diz para buscar a verdade, acreditar, e não buscar o estado. "O estado vai vir. E se não vier não tem problema, por que você estava verdadeiro, acreditando. O público vê tudo. Compreende tudo." Serge me falou duas vezes já sobre minha postura que anda fechada, meio corcunda. Ele diz para eu abrir as costas. Um dia me provocou: "Tu é bailarina, por que anda assim corcunda?" Ele tem razão... Tenho que ficar atenta a isso. Meu pai vive dizendo a mesma coisa. Ele conclui dizendo que durante o espetáculo não podemos nos desconectar nem por um minuto. É uma hora e meia de concentração. Devemos estar nos "alimentando" o tempo todo. Ele da o exemplo do *Théâtre du Soleil*, que a partir do momento em que os atores se figurinam eles passam a se chamar pelos nomes dos personagens e a entrar na história. Muito antes de entrar no palco.

[O segundo dia.] - 9 de agosto, 2016.

Ontem foi o segundo dia de apresentação de "Abele S.". O segundo dia para mim é sempre um pouco estranho. A estreia sempre tem uma magia especial, que se perde no segundo dia. Agora fazemos uma reunião para falar sobre a peça e ontem. Serge fala sobre degustar as palavras e que o espetáculo começou a acontecer. Só eu achei a estreia muito melhor? Estranho, todos estão super animados com a apresentação de ontem. Hoje acordei com vontade de voltar. Quero que acabe, estou cansada disso tudo por aqui. Amanhã meus pais chegam, estou com saudade.

[Planos de volta.] - 10 de agosto, 2016.

O fim se aproxima. Hoje é quarta feira. Domingo vou embora e tudo isso daqui ficará gravado na memória. Algumas pessoas levarei comigo no coração. Outras ainda não sei nem o nome. Interessante isso das relações que vão se criando, dos afetos e afinidades. Agora espero meus pais chegarem. Estou super ansiosa. Não vejo a hora de abraça-los. No início eu não queria que eles viessem. Que infantil! Agora percebo mais do que nunca que família é fundamental. Que é maravilhoso tê-los por perto. Claro que, sem excessos. Semana que vem volta minha vida normal. Aulas no DAD, aulas no CAP, TCC, relatórios... Fiquei contente que vou fazer meu Estágio 2 com a turma de palhaço da A. Vou poder experimentar e colocar em prática o que aprendi nos últimos anos com o Gaulier, a Raquel, a Dani Carmona... Gostaria de misturar esses conhecimentos com movimento, com a dança... Como? Ainda não sei. Vejo no Facebook as fotos que o Mesac coloca sobre a cadeira de Prática do Jogador-Performer. Estou bem curiosa e com vontade de começar essa cadeira. Saudades do Mesac. Saudades do meu cantinho no meu quarto, das minhas escritas e leituras. Do "meu pensar escrevendo o teatro". Percebo agora essa "crise" que passei por aqui e que sigo passando. Se é que posso chamar de crise. Mas percebo também minha evolução aqui. Me sinto muito mais madura do que quando cheguei. Me sinto muito mais forte do que quando cheguei. Crescendo, me tornando cada vez mais mulher. Me distanciando cada vez mais da menina Camila. Ainda sinto a necessidade do tempo para as coisas baixarem. Ainda estou confusa em relação ao Serge. Não posso dizer que não houve decepção. Sim, teve decepção. Ao mesmo tempo em que foi uma relação de conhecimento. Talvez aqui eu possa dizer que comecei a conhecer de verdade o Serge. O que eu conhecia antes fazia parte de todo um imaginário ilusório. Já passei por isso outras vezes. Já falei na terapia sobre isso. Preciso aprender a desmistificar minhas ilusões, minhas idealizações. Tenho que aprender a parar de idealizar! O que passa comigo que eu acabo fazendo isso? Queria entender. Saudades da terapia. Vontade de dividir essas inquietações com alguém. O C. é bom para isso. Adoro escutar as coisas que ele me diz. Sempre muito sábio e maduro. Me sinto protegida e segura com ele. Sinto que ele me escuta, verdadeiramente. E em seguida, me diz verdades. Gosto tanto disso nele. Saudade dele. Estou curiosa para ver no que vai dar essa história. Tem uma parte de mim que tem medo. Um nervoso bate quando penso que talvez eu esteja idealizando outra vez. Até que ponto é real isso que eu sinto por ele e até que ponto é fantasia? Será possível amar sem fantasiar? Sem idealizar, sem se iludir, mascarar, se enganar? Será que isso tudo é como um "combo" que vem junto com a relação? As vezes sinto tudo tão impalpável.

[Última aula Serge.] - 11 de agosto, 2016.

Última aula com Serge. Improvisação. Coro e Corifeu.

Ele fala sobre desenvolver os momentos, problemas, detalhes. Desenvolver o nosso imaginário. Ir aonde não conhecemos. Se surpreender. Decompor. "Não sejam abstratos. Não compliquem!" Ele diz que o trabalho do ator é desenvolver o imaginário. Gosto

disso. "Vocês se agitam, não tomam o tempo para as coisas." Tem que desenhar. O teatro é físico, não é televisão. Contraste. Escutar. Evolução que acontece a partir da visão que o ator vai tendo ao longo da improvisação. Ele fala que quando o Deus do teatro nos dá alguma coisa temos que aproveitar.

"Não tenham medo de viver as aventuras!"

[Estejam na festa!] - 12 de agosto, 2016.

Última conversa com Serge. Penúltimo dia de L'Aria. Hoje encerramos apresentando Abele S. pela última vez. Então, Serge diz: "A última apresentação é sempre uma festa. Estejam na festa!"

[Essa foi a última escrita da viagem. Depois disso não tive mais ânimo para pegar o diário de bordo. Minha cabeça estava como um vulcão fervilhando com tanta informação e sensação vivida no último mês. A volta se aproximava, eu estava ansiosa. Não queria tirar conclusões da experiência vivida. Lembro da felicidade que eu estava no dia da volta. Da minha animação no ônibus. Enquanto vários choravam. Lembro de me despedir daquela gente, daquela paisagem. Hoje, sinto saudades. Não foi fácil reler o diário da viagem. Estava resistente para encará-lo. Lembro da sutileza com que foram escritas cada uma dessas páginas. Lembro das lágrimas que corriam pelo rosto, logo no início da viagem. Lembro dos momentos felizes, dos sorrisos, das risadas. Lembro da sensação de me sentir madura, crescendo. Fecho os olhos e posso enxergar aquela paisagem maravilhosa. As montanhas, o céu, as estrelas, a luz, o mar azul. Olmi Cappella vai ficar para sempre colorindo o meu imaginário. Hoje vejo fotos, penso em cada momento vivido e me dá uma saudade grande de lá. Sou muito grata a essa experiência vivida. Sou muito grata ao Serge, que me proporcionou isso. Ainda estou esperando as coisas baixarem. Ainda tem algumas partes de mim que viajam por lá e que talvez ainda não tenham chegado. Então me deparo com o que eu escrevi alguns meses atrás: "não existe ponto de chegada". É como se eu buscasse uma conclusão para esse TCC. E agora percebo que talvez não tenha conclusão. Quero deixar em aberto. Quero deixar algumas páginas em branco, para as próximas viagens que virão. A viagem segue, a busca segue. Talvez esteja apenas começando. Vai saber.]

PÓS ÂMBULO

TENTATIVA DE UM DIÁRIO QUE SEGUE

1º de setembro, 2016.

[Transcrição do diário verde.]

Precisou passar 15 dias. Precisou acabar o mês de agosto. Ainda não estou certa se é o momento. Ainda não tenho a coragem de revirar as outras páginas e me contaminar com as lembranças escritas aqui. Uma força maior fez com que eu pegasse a caneta de tulipa, abrisse essa página e começasse a escrever. Tenho páginas soltas por aí. Fragmentos simples, pedaços, quase escritas, sobre esses últimos dias. Sobre a performance que eu fiz com o Mesac... Olho para os livros espalhados em uma bagunça organizada. Percebo o quanto eu devo ler ainda para o TCC, para a vida. Andei preguiçosa nesses últimos 15 dias. Desde que cheguei da viagem não tive o interesse em ler ou escrever. Não sei por quê. Mas agora penso que talvez eu só tenha chegado mesmo agora. Talvez eu ainda esteja chegando. Talvez uma parte de mim ainda esta lá. Não sei. Só sei que algo chegou. Algo aconteceu em mim. Hoje. Agora. O que foi isso? Que força foi essa que me fez "chegar"? Penso então na performance de ontem. Será que o fato de eu ter me apresentado aqui fez com que eu me conectasse 100% aqui e isso fez com que eu chegasse? Será? Não preciso encontrar uma resposta. Que bom. Quantas coisas aconteceram nesses últimos dias que eu estou aqui! Que intensidade tudo isso. Desde o momento em que eu pisei no aeroporto aqui em Porto Alegre, peguei as malas e saí, nervosa, para encontrar o C. Parece que isso faz muito tempo e foi há 15 dias atrás. Eu estava tensa, tinha medo do que eu sentiria ao encontrá-lo. Desconfiada do meu sentimento. E agora? Hoje vi um filme de amor que ela perdia ele. Me deu uma dor no coração imaginar que eu poderia perder o C. Ele me faz tão bem. Eu gosto muito dele. Sou desconfiada. Talvez por estar indo tudo bem demais. Será que estou pirando? Tenho medo de estar me contaminando por pensamentos negativos. Medo de deixar minhas neuroses, angústias e inseguranças tomarem conta de mim. Então me digo agora, deixa rolar Camila! Não leva tudo tão a sério. Acho que eu não precisaria estar escrevendo sobre isso. Tem uma coisa que eu não posso deixar de falar. Hoje foi o impeachment da Dilma. Dia histórico para o Brasil. Apesar da minha alienação política, hoje o dia foi nebuloso, chuvoso, pesado. Foi um dia estranho, 31 de agosto. Que dia para pegar o diário e voltar a escrever, hein?

04 de setembro, 2016.

17:35, no meu quarto.

Na rua caem ainda uns respingos de chuva. Hoje acordei com o C. Estou feliz. Resolvi começar agora o meu TCC. Não faço a ideia do que vem pela frente. Coloquei o Sakamoto para tocar, só para não perder a tradição. Peguei três cadernos importantes para mim: o primeiro diário, o segundo (da transição da viagem) e o terceiro (da

viagem). Além disso, peguei também um caderno de anotações, no qual anotei a segunda oficina que eu fiz com o Serge em São Paulo, no ano passado. O C. disse para eu ler o que eu tinha escrito e não os livros, neste momento. Tem uma pilha de livros aqui do meu lado. Todos eles fazem algum sentido. Entre eles, que estão colocados de forma completamente aleatória, tem a presença da Mnouchkine, do Yoshi Oida, do Peter Brook, da Pina Bausch, da Anne Bogart, do Jorge Larrosa, do Gaulier... Têm também três livros que se chamam "Ensinando a Transgredir", "Um olhar através de máscaras" e "Palhaços".

Não sei por que contei isso. Talvez para dividir um pouco sobre as possíveis leituras que possam cruzar essa escrita aqui. Não faço ideia por onde começar. Me sinto num vazio enorme em relação a escrita. Não sei de onde vim, onde me encontro e nem para onde pretendo ir. Está tudo bagunçado, confuso. O primeiro semestre parecia andar numa linha tão mais reta... Fazia mais sentido tudo. Agora sinto como se tivesse perdido o fio da meada. A viagem abalou, transformou tudo isso. Não sei mais se quero falar sobre o ensino sensível. Afinal, o que é isso? Perdi a referência. Vi um mestre se tornar uma pessoa comum. Passei pela desmistificação do ser humano, da vida. Fui obrigada a parar de idealizar. OK. Parei. E agora? E agora que perdi minha referência? E agora que perdi meu grande exemplo de professor... Para onde vou? Como vou conseguir "provar" minhas ideias? Com os exemplos dele ficava tudo tão mais claro... Através dos exemplos as pessoas diziam: Sim, entendi. E agora como fazê-las entender? Se nem mais eu entendo...

Estou tentando tomar coragem de começar a ler esses cadernos. Tem tanta coisa escrita nessas páginas. Sei que devo começar o quanto antes. Que não posso deixar para amanhã, que chegou a hora de encarar esse trabalho. Pretendo escrever aqui tudo que vier a cabeça. Esse daqui vai ser meu documento extraoficial. Meu documento onde colocarei tudo que vier. Recortes de escritas, colagens de leituras, reflexões, desabafos, qualquer coisa. Se eu conseguir tirar algo daqui para o tal TCC já está valendo. Ou seja, aqui é quase que a continuação do diário. Não sei bem a diferença. Talvez tenha mudado a maneira de escrever apenas. Da caneta no papel para dos dedos no teclado do computador.

Acabo de trocar a música. Depois de ouvir incansavelmente Sakamoto, passo agora para o Philippe Glass. Outro compositor que me instiga nessa busca. Lembro então do primeiro encontro com o Serge, agora na viagem. A primeira aula. Ele colocou essa música e pediu que andássemos pelo espaço, parássemos e gritássemos nosso nome, como se nos chamássemos lá longe. "Camiiiiilaaa!"

07 de setembro, 2016,

Domingo, meia noite, no meu quarto.

Primeira notícia: estou namorando. Não que antes eu não estivesse, mas como não havíamos falado ainda sobre não estava muito claro. [.....]. Enfim, uma semana passou. Não escrevi essa semana. Dei minha primeira aula e isso foi bem legal. Encontrei o Mesac e conversamos sobre o TCC também. Ele sugeriu algumas coisas que eu já imaginava como "antes da viagem, durante a viagem e pós-viagem" ou "pré âmbulo, âmbulo e pós âmbulo". Sugeriu também que eu trabalhasse com os alunos um palhaço nômade, viajante. Não faço ideia de como fazer isso. Mas achei a proposta interessante. Ele me falou também sobre a outra terça feira, sobre a nossa performance "teatro e filosofia"... Pediu que eu escrevesse sobre esse dia. Estou cansada agora. Me sinto sem inspiração. Os olhos começam a cansar já. Preciso dormir, estou um pouco esgotada disso daqui.

11 de setembro, 2016.

Domingo, 23:25, no meu quarto.

Tive um final de semana maravilhoso. Viajei na minha própria cidade. Desde que cheguei, na verdade, tenho reparado nisso. Tenho visto as coisas de maneira diferente. Acho que agora começa a fazer sentido certas coisas que eu vivi por lá. Acho que agora eu começo a perceber o meu amadurecimento frente a vida. Ando com vontade de quebrar a rotina e aproveitar melhor os dias. Estou com vontade de trabalhar, de fazer coisas. Sinto que o primeiro semestre eu estava numa onda de estudos, leituras, escritas... Uma onda intelectual, que estava um tesão! Mas agora não é isso que tem despertado meu interesse. Hoje, por exemplo, passei o dia inteiro com o C. E bem, tem sido difícil achar mais gostoso o lado intelectual... Ontem estava pensando sobre isso tudo. Sobre a volta da viagem, sobre o que mudou. Muita coisa aconteceu nesse último quase um mês que eu estou de volta. A coisa mais forte foi a história com o C., que anda tão bonita, fluida, gostosa. Me sinto tão mulher, [.....] do lado dele. Hoje ele me fotografou, depois de [.....]. O Mesac sugeriu que eu escrevesse sobre o amor. Leio Anais Nin e é impossível não ficar tentada a descrever esses encontros e essa minha "descoberta íntima". Mas um lado me leva a pensar: Preciso escrever sobre teatro! Mais do que teatro, sobre educação! Um lado quase pensa em deixar para o ano que vem esse tal de TCC. Bate uma insegurança quando começo a ver isso daqui, a ver que não tenho nada quase, a ver que não li quase nada. Vejo as pessoas de outros cursos se matando para fazer os seus trabalhos, lendo horrores, e eu aqui contando sobre a minha última transa! Que absurdo. Não faço ideia da onde vai parar isso. Bem. Quero dizer só mais uma coisa que está relacionada a esse assunto. A minha vontade de trabalhar e de fazer o que aparecer por aí, de estar na ativa. Acho que isso tem sido despertado pelo C., por ele ser tão trabalhador. É algo que me instiga e faz com que eu queira correr atrás também. Além disso, tem esse fluxo da viagem que segue. Acho que o primeiro semestre foi o semestre de preparação. Tudo estava direcionado para o que viria em seguida, em julho. Eu não trabalhava porque eu pensava: Ah, não vou começar agora alguma coisa que vou acabar interrompendo em julho. Esse pensamento na frente

me fazia não viver certas coisas do presente. Agora, em compensação, não faço mais ideia do que vai ser o ano que vem. Me sinto num "entre". Mas, enquanto isso, eu vou vivendo o agora. Vou topando o que aparece sem me colocar barreiras de um futuro incerto. Ao menos foi essa a opção que eu fiz ao me entregar nessa história com o C. Viver o agora me faz viajar na minha própria cidade. Hoje fiz algo que eu devo ter feito raríssimas vezes na vida. Saí com o C. para almoçar fora, em um domingo ensolarado. Fomos ao Priscila's e comemos *croque madame* e de sobremesa um bolo de chocolate e uma *cheesecake* de frutas vermelhas. Sentamos numa mesinha na calçada, abaixo de uma árvore. A primavera está chegando, e Porto Alegre fica tão linda nessa época do ano. Depois saímos para caminhar, sem rumo. Amo fazer isso e é uma coisa típica de viajar para mim. Me lembrei de Avignon e da semana que passei lá sozinha. Passava os dias inteiros me perdendo por aquelas ruelas medievais. A nossa caminhada sem rumo nos levou até a Redenção, aonde vimos o Brique e os artistas de rua. Para muita gente isso deve parecer completamente óbvio num domingo de sol. Mas para mim foi diferente, foi um desvio na minha rotina. Os domingos são sempre aqui em casa, solitários, ou em família. Adorei viver esse domingo diferente, na companhia do C. e do sol. Amanhã começa o Porto Alegre em Cena. Vou ser Anjo pela terceira vez, estou animada. Estou preocupada que preciso avançar aqui, acho que vou levar esse computador para cima e para baixo e sempre que tiver um tempo vou escrevendo por aqui. É isso. Agora preciso pensar ainda na aula de amanhã e depois dormir, porque a semana será intensa.

20 de setembro, 2016,

Terça feira, meia noite, no meu quarto.

Tenho escrito pouco. Os últimos dias têm sido intensos. A volta segue sendo intensa. Intensa e gostosa. Apaixonada. Estou um pouco afastada do pensamento no ensino do teatro. Dei apenas uma aula esse semestre. Nos outros dias foi feriado ou então não teve por problemas na escola. Isso desmotiva, porque eu perco o fluxo. Mas enfim... Enquanto isso pego o meu diário parte 1 e fico reescrevendo aqui. Está sendo muito louco voltar para essas páginas escritas meses atrás. Na fase da expectativa, dos sonhos e inquietações pré-viagem. Esse final de semana que passou foi maravilhoso. Mais um final de semana maravilhoso ao lado do C. É tão bom estar com ele. Tivemos uma conversa no sábado a noite que eu queria ter registrado aqui antes, para não perder nenhuma palavra. Mas infelizmente não fiz isso. Não estou nada disciplinada! Vou tentar reproduzir o que eu lembro. Falávamos sobre o ensino na escola. E ele disse algo como: "Para mim os melhores professores eram aqueles que me sensibilizavam para algo." Essa frase soou como uma música no meu ouvido. Vibrei tanto ao escutar isso que meus olhos ficaram úmidos. Então falei sobre a importância da sensibilidade no ensino e o quanto isso tinha a ver com a minha escrita aqui no TCC. Falei sobre a importância das nossas referências e modelos de professores e o quanto isso nos influencia. Ele estava meio desanimado com um curso de trilha musical para cinema

que ele vai dar para adolescentes. Eu estou tentando convencê-lo a fazer algo mais divertido, sensível, brincado. Colocar um quê de teatro nessa aula. No início ele pareceu meio resistente, mas depois disse até que ficou pensando sobre isso. Gostei. Vendo isso aqui percebo que perdi um pouco a riqueza do diálogo deste dia. Já se passaram três dias afinal de contas. Me cobro então, porque não queria ter perdido nenhuma vírgula. Conversamos um pouco sobre o ano que vem também. Esse ano tão “incógnita” na minha vida. Sigo confusa, esperando um sinal maior aparecer. Ele me incentiva a fazer aquilo que me de tesão. Ele diz que meu olho brilha quando eu falo de dança e de máscaras... Quando ele falou isso senti mais uma vez meu coração apertando e meus olhos inundando.

Tive algumas ideias para o Painel de Licenciatura, recentemente. Hoje fui assistir a uma peça no Porto Alegre em Cena e fiquei pensando sobre isso enquanto a peça acontecia. Imaginei eu sentada em uma cadeira com uma mesinha. As pessoas entrando e eu ali, escrevendo ou lendo. Luz baixa. Talvez um abajur ou uma luz de cima, que vá abrindo aos poucos, em mim. Trilha do Sakamoto. Nesse momento eu poderia começar lendo o Memorial *Alors, dance*. Ou então escrevendo algo "ao vivo", como o diário que segue, e em seguida ler em voz alta. Então imagino eu saindo da cadeira e começando a andar pela sala de forma a tentar reproduzir a primeira aula do Serge na Córsega, com a trilha dessa cena, que entraria imediatamente. Até eu chamar pelo meu nome: "Camiilaaaa!". Brincar com os planos. Ir e vir do passado para o momento presente. Acabar dançando?

22 de setembro, 2016.

Quinta feira, no meu quarto.

Fiquei pensando sobre o painel. Visualizei uma coreografia. Pensei em um abraço para a solidão da viagem. Em enxergar o longe. Em um carinho que se transforma nas borboletas do sítio.

26 de setembro, 2016.

Segunda feira, no meu quarto.

Esse final de semana fiz uma participação no espetáculo BIT, da Cia francesa de dança contemporânea Maguy Marin. Eu e mais duas bailarinas de Porto Alegre. Fizemos uma cena das três parcas. Além de bailarina, fiquei de tradutora, durante os ensaios, o que foi ótimo, pois percebi que estou entendendo bem o francês e fiquei feliz com isso. Mas, uma das coisas que mais me marcou nesse processo foram as aulas de *ballet* que o grupo fazia como treinamento físico no dia da apresentação. Que saudade que me bateu do *ballet*! Ah, tanta lembrança desse universo... Tenho a impressão que a sala de ensaio em que fizemos a aula era a sala que serviu de camarim quando participei de uma montagem alemã da Flauta Mágica, com seis aninhos, no Teatro do Sesi. Quando entrei

naquela sala, agora anos depois, a lembrança invadiu o meu corpo. Bateu uma nostalgia. A vida é muito louca, quem diria que aquela Camilinha estaria anos ali mais tarde fazendo outra participação em um espetáculo de dança internacional... A diferença é que na época eu fui uma "papagueninha" e agora uma "parca". Em ambas minha função era atravessar o palco de um lado para outro. Na primeira fazendo passos saltitantes e dessa vez fazendo uma caminhada em câmera lenta. Fico pensando na simbologia disso tudo. Dessa volta ao Teatro do Sesi, para mim um teatro tão ligado às lembranças do *ballet*. E a dança cada vez mais me chamando "Camilaaa". O ano que vem segue sendo uma incógnita. Mas percebo que o caminho começa a se abrir e a aparecer.

Hoje dei minha segunda aula no estúdio. Foi legal. Os alunos são super afim, o que é ótimo para um professor. Tudo fica mais agradável. No fim da aula, eles deitaram no chão, eu coloquei Sakamoto e a Ana fez uma condução que ela chama de "viagem". A partir da respiração, eles vão imaginando os chakras e mentalizando certas coisas. Chega um momento em que eles visualizam uma porta que tem um guardião. O guardião então "diz" uma palavra e dá um presente para cada um. Enfim, é uma condução bonita, sensível... Os alunos adoram. No fim, tinham duas alunas chorando. Uma havia se lembrado do bisavô que faleceu e outra da relação tumultuada com a mãe. Os alunos saíram da sala e conversei com a Ana sobre isso que tinha acontecido, sobre a importância desse espaço na escola. Um espaço onde eles podem sentir e *ser* de verdade. Falamos sobre o que buscamos como professoras de teatro e ela disse algo como: "Meu sonho é fazer com que eles sintam o que eu senti pela primeira vez certo dia ao fazer teatro, um *bum!*". Enquanto falava, ela fez um gesto com os braços de abertura, daqueles que ao ver a gente pensa em liberdade, sabe?

04 de setembro, 2016.

Terça-feira, no meu quarto.

Tenho tanto pra contar dos últimos dias. Vou voltar para uma semana atrás, no encontro teatral no Hospital Psiquiátrico São Pedro. Os responsáveis por guiar o encontro eram eu e o meu amigo F. Trabalhamos com a ideia de nos deixar levar pelo que a turma apresentava. Havia um plano, mas também a busca pela improvisação e por uma escuta sensível. Levei meu computador e minhas trilhas que acompanham este ano. Sakamoto, Philippe Glass, Charlie Chaplin, etc.

[Escrita interrompida por algum motivo que já não lembro mais.]

14 de outubro, 2016.

Eu estava saindo de casa. Tirei o carro da garagem, dei a volta. Olhei pelo retrovisor e avistei o carteiro, virando a esquina da minha rua e indo embora. Eu parei o carro, desci do carro. Gritei: "Mãaa! Abre o correio! Vê se não tem alguma coisa para mim." Então

ela tirou de dentro da caixa do correio um envelope vermelho, cheio de selos, bem cheinho. Peguei o envelope, coloquei junto ao peito. Estava atrasada, precisava ir para aula. Entrei no carro, segui dirigindo, com o envelope ao meu lado, no banco do passageiro. O CD que estava tocando era João Bosco. A música era Corsário. Foi quando chorei. Emocionada com aquele momento. Extasiada em felicidade. Apenas por ter recebido uma carta em um envelope vermelho cheio de selos, bem cheinho. É importante falar que era cheinho. Faz toda diferença. Então viajei na memória para Avignon e para Olmi Capella. Lembrei dos momentos em que eu estava lá pensando em mandar uma carta. E também dos momentos que eu estava lá esperando uma carta. Uma carta que nunca chegou. Aliás, que acabou chegando: ontem. Essa carta por si só já é repleta de significado para mim. Eu ainda nem contei de quem ela é e nem o que está escrito nela. E já deu assunto para dois parágrafos.

Eu estava chorando e decidi que só leria a carta à noite, quando chegasse em casa. Daria um jeito de conter minha ansiedade e curiosidade. Consegui. Cheguei à aula de dança, na ESEF. Entre as coisas que a professora mencionou, anotei no meu caderninho sobre o compositor John Cage. De tempos em tempos a imagem do envelope vermelho, que neste momento estava dentro da minha bolsa, vinha à minha cabeça. Saindo da aula, fui correndo para o ensaio da "Partícula de Deus", que estreia daqui a uma semana. Antes do ensaio tomei um suco e comi um salgado na Lancheria do Parque. O ensaio foi ok. Mas eu não estava ali de corpo e alma. A essa hora da noite eu já estava cansada e contando os minutos para chegar em casa e abrir a carta. O ensaio acabou. Dirigi até minha casa. Cheguei, fiz uma tapioca, um chá, lavei meus pés, coloquei um pijama e sentei no meu quarto. Coloquei Sakamoto para tocar. Peguei o envelope e abri, em um misto de tranquilidade e ansiedade.

Ao começar a ler, chorei. E assim segui me deliciando com aquelas palavras pelas próximas treze páginas. Acabo de me dar conta que são treze páginas. Foi o presente mais lindo que eu já recebi em toda minha vida. E não estou exagerando. Sabe aquele dia que eu escrevi sobre ser importante para alguém? Sobre querer que um dia alguém escreva sobre/para mim? Aconteceu. Não é uma carta feita exclusivamente para mim e muito menos sobre mim. Mas eu fui presenteada em poder ler. Fui presenteada em poder ter a intimidade de alguém compartilhada comigo. Entre êxtase e choro finalizei a leitura.

Ainda é cedo escrever sobre o que estava escrito. Ainda estou assimilando, e talvez leve anos para assimilar tudo que tem ali. Talvez eu nunca assimile o todo. O que importa agora é compartilhar um pouco dessa riqueza íntima vivida no dia de ontem, e que ainda reverbera em mim. Entre a primeira leitura e agora (que são aproximadamente 14 horas) já reli algumas vezes, algumas partes. Algumas partes ressoam mais forte do que outras em mim, neste momento. Mas tenho a nítida impressão de que todas as partes, sem exceção, são repletas de sinais. Quero absorver o máximo possível dessa leitura. Não quero fazer dessa leitura uma leitura superficial. Por isso insisto em ainda não escrever sobre o que está escrito ali. Deixo apenas uma frase.

"É um deslocamento no espaço e no tempo das conversas que não tivemos enquanto estivestes longe, e que dá a perspectiva em espelho do teu próprio diário que escrevias no mesmo momento."

09 de novembro, 2016.

Quarta feira chuvosa, à noite.

Fiquei afastada por muito tempo. Não sei bem o que houve. Na verdade não fiquei afastada desse trabalho, estive envolvida relendo e ajustando detalhes no pré-âmbulo e no âmbulo. A dificuldade foi manter essa escrita viva aqui no pós-âmbulo. Acredito que isso se dá a vários fatores, entre eles o fato de eu estar envolvida com muitas coisas ao mesmo tempo. O Mithos estreia no sábado. O Mithos é o espetáculo do Grupo Falos & Stercus, que comemora seus 25 anos. Estou envolvida com esse processo. E como muitos processos de criação, ele não deixa de ser dolorido. Há crise, há angústias, pressões, brigas e desacordos. Por outro lado, há também uma vontade forte de me expressar através do meu corpo e de sentir as sensações que despertam em mim ao longo do espetáculo.

O M. vive nos perguntando o porquê de fazermos teatro. O porquê da nossa escolha em fazer teatro. Eu sempre respondo mais ou menos a mesma coisa: "Para sentir. Para me conectar no aqui e agora. Para me expressar de diferentes formas, que não as cotidianas. Para sentir diferentes sensações e emoções. Para me sentir viva.". Muitas pessoas respondem: "Para provocar. Para transgredir. Para fazer política. Para subverter.". Eu entendo, e concordo com esses motivos. Mas eu não poderia dizer que foi a partir daí que a faísca do teatro começou em mim. Eu me lembro exatamente das primeiras vezes que me senti transbordando, transpirando... Talvez sejam mais dois motivos: "Para transbordar. Para transpirar.". Não é que eu pense que eu não queira subverter a ordem ou provocar. Muito pelo contrário. Eu acredito que sentindo e me conectando no aqui e agora eu estou subvertendo a ordem! Será que da para entender o que eu estou querendo dizer? Acho difícil explicar. Mas para mim o raciocínio é tão claro. É uma questão de via. A via direta que é política na sua essência, que às vezes acaba sendo óbvia, panfletária, racional... E a via indireta, que se dá na sensibilidade. Essa via está mais preocupada no que está fazendo e não tanto no que está querendo contar ou afirmar. Ela não está tão preocupada no discurso e sim na ação em si, me parece. A primeira começa um processo já imaginando aonde quer chegar, o que quer acusar, o que quer afirmar. A segunda me parece que lida justamente com o não saber. Lida mais com o se perder no meio de um caos sensível, poético e inspirador. É isso que eu busco, é por isso que eu faço teatro.

Uma das crises nesse processo de criação é justamente perceber que eu penso diferente de muita gente ali, que a minha visão de teatro é diferente. É difícil se manter forte quando os objetivos são diferentes. Tenho pensado muito nisso. Tenho pensando sobre

essa Camila artista e quais são as suas buscas. Tenho percebido cada vez mais o quanto me identifico com o modo de pensar e fazer o teatro da F., por exemplo, que agora vive em Londres. Tenho estado cada vez mais animada para o projeto do espetáculo das máscaras. Tenho entendido e admirado cada vez mais a maneira como o C. entende as coisas. Tenho lembrado das palavras do Serge e dos seus ensinamentos. Saudades do Serge. Fico triste que ele não tenha respondido minha mensagem de aniversário.

O Brasil está um caos. O mundo está um caos. Hoje o Donald Trump foi eleito nos EUA. O DAD e muitos cursos da UFRGS foram ocupados pelos alunos. O Marchezan foi eleito prefeito de Porto Alegre. Eu fui assaltada semana passada com o C. Um idoso foi assaltado e agredido na minha rua ontem à tarde. Os planos do governo incluem cada vez menos cultura e educação. A miséria e a violência toma conta das ruas. O machismo, a homofobia e o racismo ainda estão longe de acabar. Enfim. Tudo para dizer que esses últimos dias estão mergulhados nesse caos. Me vejo impossibilitada de escrever sobre isso tudo aqui. Todo dia tem uma novidade. Eu não consigo acompanhar. Eu não tenho forças para acompanhar.

14 de novembro, 2016.

É madrugada de segunda feira. Está acontecendo a super lua e eu não vi. Passei o dia em casa hoje, em um domingo. O luto está batendo em mim. Estou chateada. Hoje estaríamos no segundo dia de temporada do Mithos. Simplesmente não aconteceu. A Secretaria da Saúde resolveu interditar o HPSP assim de uma hora para a outra. Teve agressão no F. Teve grosseria e desrespeito. Eu não quero entrar em detalhes e ficar explicando aqui o que aconteceu, porque isso é muito chato. Tenho preguiça de explicar o que aconteceu quando as pessoas perguntam. A história é tão longa, complicada e surreal. Eu mesma não entendi direito até agora. Enfim. O que eu sei é que eu estou me sentindo desamparada. De uma hora para a outra todo um plano vai por água a baixo. Três meses de ensaio, toda uma expectativa criada... E por mais que eu não estivesse 100% contente e envolvida com o projeto, esse acontecimento me abala. Hoje me peguei pensando sobre o vazio que eu me encontro agora. Do nada, eu não tenho mais compromissos aos sábados, domingos e segundas à noite até dezembro. De repente eu me vejo entediada. Depois de uma semana tão turbulenta, tão intensa, caótica. Me sinto no vazio, no tédio. Aff. O C. está em São Paulo e chega terça. Estou com muita saudade. Queria ele aqui esse final de semana comigo. Foi difícil ficar sozinha hoje. Me senti solitária e insignificante no mundo.

Pessoas foram assistir ao Mithos que estrearia ontem a noite. Fiquei muito chateada ao ver um senhor e duas senhoras lá, com o jornal na mão, perguntando sobre a peça. Essas pessoas saíram de suas casas, pegaram um táxi e se deslocaram para o teatro! A vontade que eu tive na hora era de invadir o Hospital e fazer a peça só para eles. Por eles. Pelo público. Chateada, tento ter esperança nesse mundo em que vivemos hoje, no qual a cultura está longe de onde deveria estar. Quanto retrocesso! E a gente segue...

14 de novembro, 2016.

Esse trabalho está chegando ao fim. Depois de amanhã tenho o último encontro de orientação com o Mesac. Tenho a sensação de que gostaria de ter escrito tanta coisa aqui e que não consegui. Ao mesmo tempo, se paro para reler, percebo a quantidade de lembranças que estarão para sempre registradas aqui. Ao longo desse ano fiz algumas leituras que acabaram não entrando diretamente nessa escrita. Leituras que eu considero extremamente importantes para esse trabalho e que eu não poderia deixar de mencionar. No primeiro semestre desse ano, o Mesac me indicou a leitura do livro "Teoria da viagem", do filósofo francês Michel Onfray. Eu li esse livro ao longo desse ano, de acordo com os momentos que eu ia passando. O livro é dividido em três fases: antes da viagem, durante a viagem e depois da viagem. Coincidência? Não, plágio mesmo. Esse livro inspirou muito esse trabalho. Eu não poderia deixar de falar isso. A questão é que ele inspirou tanto que não sei onde e nem como colocar ele aqui. Eu sublinhei praticamente o livro inteiro! Difícil encontrar uma frase que o represente. Bem difícil. Não quero transcrever o livro inteiro, obviamente. Mas a tarefa de encontrar apenas um ou dois fragmentos também me parece muito difícil. Eu cheguei a pensar em cruzar a escrita deste ano, traçando relações com o livro, desde o primeiro dia de diário. Mas eu acabei não tendo vontade de fazer isso. Cada vez mais percebo que o elemento fundamental para que essa escrita ter acontecido foi a vontade. "Sem tesão não há solução", já diria o meu pai em um de seus conselhos amorosos. Não sei bem o motivo de eu não ter mencionado até aqui os escritos de Michel Onfray. Só sei que não aconteceu. Mas nunca é tarde, não é? Tenho ainda alguns dias para acrescentar alguma coisa aqui.

16 de novembro, 2016.

Estou na sala de trabalho do C. Ele está limpando a tela do computador e organizando seus materiais. Em duas horas terei o último encontro com o Mesac. Uma onda de arrependimento me invade. Arrependimento de não ter escrito mais, não ter pesquisado mais. Gostaria de seguir esse trabalho, gostaria de associar melhor a minha escrita com as leituras que eu fiz ao longo desse ano, pois elas me influenciaram tanto. Eu não mencionei nem a Pina Bausch aqui! Que absurdo. Vou entregar o trabalho assim, faltando uma conclusão. Talvez a conclusão não exista. Já não sei mais. Espero continuar e entregar uma segunda versão para ele. Pois sinto que está incompleto. Talvez a comunicação por aqui esteja chegando ao seu limite. Não sei. Sigo esperando o sinal para terminar...

[Acabei mencionando a Pina Bausch lá no início do trabalho. Não poderia acabar sem ao menos uma citação dela. Agora me sinto mais aliviada. Fica o desejo de continuar. E ao mesmo tempo a leveza de encerrar uma etapa e se preparar para outra que começa. A viagem segue.]

"A busca de si termina no momento do último suspiro.
Até à beira do túmulo, é preciso querer ainda e sempre a força, a vida, o movimento."

Michel Onfray

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: LeYa, 2013.
- BEY, Hakim. **Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003
- BOGART, Anne. **A preparação do diretor**: sete ensaios sobre arte e teatro. Tradução: Anna Viana. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2011.
- FÉRAL, Josette. **Encontros com Ariane Mnouchkine**: erguendo um monumento ao efêmero. Tradução: Marcelo Gomes. São Paulo: Senac/SESC, 2010.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MOUCHKINE, Ariane. **A arte do presente**: entrevistas com Fabienne Pascaud. Tradução: Gregório Duvivier. Rio de Janeiro, Cobogó, 2011.
- NIN, Anaïs. **Henry & June**: diários não expurgados de Anais Nin (1931-1932). Tradução: Rosane Pinho. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- OHNO, Kazuo. **Treino e(m) poema**. Tradução de Tae Suzuki. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- OIDA, Yoshi. **Um ator errante**. São Paulo: Via Lettera, 2012.
- ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- VALERY, Paul. **A alma e a dança**. Rio de Janeiro: Imagem Ed., 2005.

* Imagem: Retrato da Jornalista Sylvia von Harden, do pintor alemão Otto Dix,